

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

Gabriella Lazzarotto

**“QUE ELA POSSA REGER AS DUAS TERRAS, QUE ELA  
POSSA CONDUZIR TODO O VIVENTE” – uma análise da  
teogamia de Hatshepsut como Filha de Amon**

Porto Alegre

2016

Gabriella Lazzarotto

**“QUE ELA POSSA REGER AS DUAS TERRAS, QUE ELA  
POSSA CONDUZIR TODO O VIVENTE” – uma análise da  
teogamia de Hatshepsut como Filha de Amon**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de História – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: *Prof. Anderson Zalewski Vargas*

Porto Alegre

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Lazzarotto, Gabriella

"QUE ELA POSSA REGER AS DUAS TERRAS, QUE ELA POSSA CONDUZIR TODO O VIVENTE" - uma análise da teogamia de Hatshepsut como Filha de Amon / Gabriella

Lazzarotto. -- 2016.

65 f.

Orientador: Anderson Zalewski Vargas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em  
História, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Egito. 2. Mulheres. 3. Gênero. 4. Hatshepsut.  
5. Legitimação. I. Zalewski Vargas, Anderson, orient.  
II. Título.

*Como o céu suporta, e sua criação perdura,  
Eu serei eterna como uma imperecível estrela,  
Eu descansarei na vida como Atum –*

Discurso de Hatshepsut – obelisco de Karnac

## RESUMO

Dentro do contexto faraônico a ideologia de gênero determinava lugares muito definidos para o que era esperado do masculino e do feminino. Esta divisão, no entanto, não acarreta um prejuízo de direitos para as mulheres como ocorre em culturas onde o masculino é predominante. Uma explicação para isto é que a ideologia de gênero egípcia corresponde a um sentido cosmogônico do gênero, de recriação do mito. Assim, a mulher não é apenas uma mulher, mas a personificação de uma deusa, ao mesmo tempo que, o homem é a personificação de um deus. Como tais assumem os valores inerentes a estas divindades que são forças da natureza e devem ser honradas enquanto tal. As representações das deusas dentro dos mitos egípcios não lhes furtam direitos, bem ao contrário, acabam por valorizar o feminino. Embora esta seja uma análise ainda parcial sobre o tema, a concepção do feminino no Egito valorizava e conferia direitos às mulheres, tal como o de tornar-se faraó. A grande questão que nos colocamos, no entanto, é até que ponto este direito era realmente aceito pela sociedade egípcia. Pesam sobre o argumento a baixa quantidade de mulheres que ocuparam o título de faraó em proporção com os homens, porém a grande importância conferida às rainhas, e particularmente no caso da faraó Hatshepsut, a posterior depredação de algumas das suas inscrições. Seria um ataque pessoal, uma vingança do faraó Tutmósis III contra aquela que haveria usurpado o seu trono? Ou um apagamento deliberado de seu nome por não ter sido considerada digna de ocupar o trono do Alto e Baixo Egito, como ocorrido com Akhenaton? Ou ainda uma terceira hipótese? Teria ou não este acontecimento relação com uma questão de gênero? Estas são questões que muito preocupam os egiptólogos e que fazem com Hatshepsut seja sempre tão importante dentro da Egiptologia.

A necessidade de legitimar-se fez com que a Soberana das Duas Terras constituísse para si uma descendência divina (teogamia), como Filha de Amon, que ultrapassou as tentativas de eliminar seus vestígios no passado para na atualidade vir a contar-nos um pouco de sua história.

**Palavras-Chave:** Egito; mulheres; gênero; faraó; Hatshepsut; Legitimação; Teogamia;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rosto da faraó Maatkara (Hatshepsut). .....	14
Figura 2- Templo de Milhões de Anos da Faraó Hatshepsut em Deir el-Bahari. ....	24
Figura 3 - Maatkara (Hatshepsut) e Tutmósis III – Relevos do Festival de Opet indicativos da Corregência.....	27
Figura 4- O deus Khnum e a deusa Heket criando Hatshepsut e seu Ka na roda de oleiro. ....	35
Figura 5 - Amon e a Grande Rainha Ahmose, sustentados por deidades durante a divina concepção .....	36
Figura 6 - As deusas conduzindo o parto de Hatshepsut e seu Ka. ....	39
Figura 7 - Hathor apresenta a criança a Amon. ....	39

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DO ESTUDO DA HISTÓRIA DAS MULHERES NO EGITO.....</b>	<b>9</b>
2.1	QUESTÕES RELATIVAS À HISTÓRIA DAS MULHERES EGÍPCIAS.....	9
<b>3</b>	<b>HATSHEPSUT.....</b>	<b>14</b>
3.1	TRAJETÓRIA DE HATSHEPSUT.....	14
3.2	HAPUSENEB E SENENMUT.....	17
3.3	A RELAÇÃO DA RELIGIÃO COM A MONARQUIA NA XVIII DINASTIA.....	18
3.4	AS MUDANÇAS DE TITULATURAS DE HATSHEPSUT.....	19
3.5	O APAGAMENTO DA MEMÓRIA DE HATSHEPSUT.....	22
<b>4</b>	<b>AS INSCRIÇÕES E A NARRATIVA DE NASCIMENTO.....</b>	<b>23</b>
4.1	AS INSCRIÇÕES DE HATSHEPSUT.....	23
4.2	A NARRATIVA DE SEU NASCIMENTO.....	29
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A história do Egito é riquíssima, abrangendo uma imensa quantidade de práticas sociais muito distintas das presentes nas sociedades atuais. Neste contexto, estudá-la é de crucial relevância para a historiografia no sentido de observar como interpretações da sociedade que são aplicáveis a outros povos, não se aplicam ao Egito (SILVA, 2013). Porém, alguns estudos relativos ao tema, particularmente no que se referem a história das mulheres, ainda não foram muito abordados. Faz-se necessário, portanto, incentivar uma maior produção acerca do assunto.

Inserimos nosso trabalho em torno das discussões sobre os estudos de gênero<sup>1</sup> na antiguidade, especificamente centraremos o foco de nossa análise no contexto egípcio. Muito se têm dito sobre gênero e mulheres no Egito Antigo, o qual, devido a suas peculiaridades constituiu-se como uma forma de luta política por algumas seções do movimento feminista, que quiseram ver no passado egípcio uma sociedade idílica e quase matriarcal. Discordamos deste tipo de análises que querem ver no Egito uma sociedade onde houvesse uma prevalência do feminino sobre o masculino, porém, concordamos que as relações de gênero no Egito Antigo distem muito das atuais por suas particularidades. De fato, os trabalhos sobre o tema acerca do Egito ainda tem muito a evoluir quanto à forma de entendimento de como o gênero se constitui nesta sociedade, com todas as suas nuances e particularidades.

Muitas coisas neste trabalho surgiram através de uma necessidade íntima de compreender este tema tão difícil, que é a história das mulheres no Egito. Questionamentos foram surgindo ao notar pouco a pouco a ausência de informações sobre elas em livros, em documentários, em livros didáticos, etc. Quando encontramos informações, são sempre fragmentárias ou contraditórias, transparecendo ainda mais a falta de conhecimento que temos

---

<sup>1</sup> A concepção dos estudos de gênero assinala que este é uma construção social. Algumas das questões que este campo de estudos propõe, é entender como se dão as relações entre os sexos e como o gênero atua na formação das identidades. Embora “gênero” seja um conceito abrangente e que abarca masculino, feminino, trans e outros, infelizmente ele têm se tornado quase sinônimo de história das mulheres. No entanto, mais recentemente tem sido publicados trabalhos sobre a homossexualidade, embora análises sobre a masculinidade ainda sejam raras. No que diz respeito à história das mulheres, as pesquisas neste campo estiveram muito atreladas ao movimento feminista. Esta história surgiu, em um primeiro momento, de um desejo de tornar-se visível, porém “tornou-se muito mais problemática, menos puramente descritiva e mais relacional” (DUBY & PERROT, 1990, p.14).

deste assunto, dando margem para que se configurem estereótipos. Poucos são os livros disponíveis em língua portuguesa sobre o tema, e menos ainda os que possuem uma linguagem acadêmica.

Muitos dos livros que falam sobre gênero no Egito Antigo mencionam Hatshepsut, em parte por ter ela ocupado um posto tão alto na hierarquia egípcia, em parte por que desperta a atenção ao nos depararmos com tão curiosa figura de uma mulher “travestida” com toda uma indumentária masculina e automaticamente nos perguntamos: por quê?

Sabemos que Hatshepsut não foi a única mulher a se tornar faraó no Egito, a mais célebre de todas, Cleópatra VII, é grande conhecida do público em geral por conta de sua relação com o romano Julio Cesar e a sua representação cinematográfica que nos remete a imaginação a uma Elisabeth Taylor cercada de jóias e mistério, Hatshepsut com toda a sua indumentária e seu sorriso delicado contrasta em absoluto com tudo isto. Porém, na opinião de muitos egiptólogos, Hatshepsut se cerca de tantas intrigas palacianas e conluios quantos os que são associados à Cleópatra ptolomaica, e assume um papel crucial dentro destes.

O tema de pesquisa do presente trabalho surgiu de uma experiência pessoal da autora ao ler uma reportagem sobre Hatshepsut. O teor da reportagem era perpetuar os tão conhecidos estereótipos relacionados à Egiptologia: intrigas palacianas, traição, romances proibidos, etc. Ao ler o texto podia-se chegar à conclusão de que a faraó era uma mulher que se fazendo passar por homem usurpou o trono do Egito de seu enteado, através de inúmeras intrigas palacianas, nada mais falacioso e desonesto. Tal reportagem perpetua um longo histórico de preconceitos existentes em nossa sociedade relacionados às mulheres nas esferas de poder. A mulher no poder tem sempre atrás de si vinculado o espectro da maldade nas mentes modernas, e tal é um reflexo da necessidade de manter os modelos de dominação social, já tão conhecidos, de algumas categorias sobre outras (COSTA, 2015). É muito mais coerente para a sociedade machista aplaudir os grandes feitos belicosos de um faraó masculino, do que os de uma mulher que conserva o poder durante aproximadamente 20 anos e consegue manter um Egito pacífico mesmo em um momento de fragilidade política como foi a maior parte da XVIII dinastia.

Ela transcendeu sistemas patriarcais de autoridade (COONEY, 2015) o que configura sair da ordem pré-estabelecida, e como tal coloca-se como uma ameaça à mesma em qualquer época. Hatshepsut não pode ser exemplo a ser seguido, de acordo com a mentalidade

contemporânea machista, torna-se mais fácil oculta-la da História, como fizeram os egípcios da XIX dinastia no passado, ou denegri-la. Neste sentido ela sempre se coloca como um grande problema de pesquisa, por seu caráter único em toda a história egípcia. É a mulher que mais tempo esteve no poder e a que mais registros possuímos de seu tempo de governo. Torna-se necessário estudá-la pelo que ela representou em seu tempo, pelas evidências que nos legou apesar dos inúmeros ataques a sua memória, e não por estereótipos. Conhecer um pouco deste momento ímpar da história é alçar luz sobre algumas das questões mais intrigantes da Egíptologia.

Ao longo do trabalho, iremos expor um pouco sobre a história das mulheres no Egito Antigo, através das abordagens existentes dentro dos Estudos de Gênero, que torna-se o pano de fundo sobre o qual construiremos nossa argumentação. Procuraremos expor algumas das diferentes abordagens existentes sobre esta temática ao longo da história da Egíptologia, constituindo nosso posicionamento teórico acerca do tema. Com relação à metodologia, nos centraremos na análise do discurso presente na narrativa de nascimento de Hatshepsut como Filha de Amon, que foi retirada de uma coletânea de textos egípcios feita pela Universidade de Chicago (BREASTED, 1906) e comparada com uma edição em francês (LALOUETTE, 1984), ambas disponíveis nos anexos, cotejando com o texto hieroglífico disponível na obra “Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut” (GALÁN, 2014). Na medida do possível iremos compará-las com outras fontes relacionadas à faraó, como a iconografia, os monumentos, e os textos associados a estes elementos. Todavia, adequados às limitações existentes em um trabalho de conclusão de curso.

O enfoque de nossa análise será expor como a narrativa de nascimento de Hatshepsut é construída como um instrumento de legitimação de sua posição como faraó e as relações disto com o fato de ela ser uma mulher. Buscaremos problematizar as relações de poder então existentes, como a ligação da religião com a monarquia faraônica e a ascensão do clero de Tebas. Também a importância que os aliados da rainha desempenharam em sua trajetória rumo ao comando das Duas Terras<sup>2</sup>. Analisaremos como o tipo de representação que é colocada para Hatshepsut se insere neste contexto.

---

<sup>2</sup> Um dos epítetos pelo qual era conhecido o Egito na Antiguidade.

## **2 UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DO ESTUDO DA HISTÓRIA DAS MULHERES NO EGITO**

### **2.1 QUESTÕES RELATIVAS Á HISTÓRIA DAS MULHERES EGÍPCIAS**

A Egiptologia (disciplina que estuda o Egito Antigo) surge em 1798, a partir da expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito, com a criação do Instituto do Egito. Bonaparte levou consigo para esta viagem inúmeros pesquisadores de diversas áreas que durante a ociosidade das tropas na região trataram de colher o maior número de informações possíveis sobre aquele mundo esquecido. A descoberta da Pedra de Roseta constituiu o marco mais importante da história da Egiptologia até hoje, e graças a ela se pôde decifrar os hieróglifos, tornando o estudo dos textos egípcios possível. Ao longo dos anos os estudos acerca do Egito foram centrando-se na Europa cada vez mais. Atualmente a situação não é muito diferente, os centros de estudo ainda encontram-se na Europa e Estados Unidos.

Nos seus primórdios, a Egiptologia encontrava foco apenas na monumentalidade, nos artefatos espetaculares e no estudo dos faraós. No entanto, a partir da década de 1970, surgiu cada vez mais uma preocupação em tentar entender a vida cotidiana no Egito Antigo e as categorias que vinham sendo ignoradas até então pela egiptologia. Surgindo, assim, também uma preocupação com a história das mulheres (COSTA, 2015). Os primeiros arqueólogos e historiadores no século XIX e início do século XX que escavaram no Egito eram homens, em sua grande maioria, caçadores de tumbas e tesouros. Estes homens provinham de uma sociedade em que as mulheres não encontravam muito espaço (OLIVEIRA, 2005; COSTA, 2015). Os temas de interesse desses primeiros pesquisadores foram as questões político-administrativas e religiosas, nas quais a atuação feminina, dependendo da época, era muito pouco visível. Assim, a história egípcia foi sendo escrita sem contar quase nada sobre as mulheres (OLIVEIRA, 2005).

Deste modo, o movimento feminista, em busca de resgatar a história feminina em diferentes períodos, se apropriou da narrativa da história das mulheres no Egito antigo e quis ver a partir da legislação egípcia, uma situação feminina muito mais privilegiada do que as pesquisas mais recentes têm considerado o mais acertado (SILVA, 2013). Porém esta

ausência de trabalhos acerca deste tema (a história das mulheres) não era um fenômeno exclusivo da egiptologia, abarcava a quase totalidade dos trabalhos daquele período, ou seja, a história das mulheres não era um tema considerado em praticamente nenhum trabalho ou, quando era exposta, ressaltava apenas o papel da mulher em relação ao homem e a sua submissão. Nas palavras de Georges Duby e Michelle Perrot:

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Votadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (...) Auxiliares por vezes, raramente atrizes – e neste caso só por excepcional falha do poder – elas são quase sempre remetidas ao papel de súbditos que aclamam os vencedores e choram as suas derrotas, eternas carpideiras cujos coros acompanham em surdina todas as tragédias. (DUBY & PERROT, 1990, p.7)

O que não se pode negar, no entanto, é que a situação das mulheres no Egito, se comparada com outras sociedades no mundo antigo (e mesmo da atualidade), sob certos aspectos, era melhor. O que a grande maioria dos trabalhos sobre mulheres no Egito hoje vem questionando, é a tentativa de ver, por parte desta primeira fase da historiografia feminista, mais do que havia de fato (SILVA, 2013). Segundo Amanda Wiedemann:

[...]No Egito faraônico, as mulheres possuíam um *status* social relativamente alto. A posição que ocupavam era privilegiada, não somente em relação às sociedades antigas, mas até em contextos bem menos longínquos no tempo. Pode-se dizer, a partir de trabalhos mais recentes e especializados, que a mulher, no Egito antigo, tinha a mesma capacidade jurídica que os homens, mas a possibilidade de exercê-la era bem mais limitada. Como em qualquer país, em qualquer época, mães de famílias exerciam um grau de autoridade na casa e comandavam um lugar especial na sociedade, mas, as mulheres não detinham qualquer cargo público importante, fora as rainhas e certas sacerdotisas que detinham muito poder político. Apesar disso, as mulheres no Egito antigo, em geral, estavam aptas a exercer uma certa influência fora da esfera doméstica (WIEDEMANN, 2007, p.109).

Discordamos das generalizações da autora, entretanto, podemos admitir que as mulheres no Egito gozavam de foro privilegiado, ao menos com relação ao mediterrâneo antigo, pelo que nos descrevem as fontes a que temos acesso. As mulheres egípcias tinham o direito de escolher com quem iriam casar-se, e o casamento não era uma obrigação (NOBLECOURT, 1986), havia, por exemplo, mulheres que se colocavam a serviço dos templos. O próprio casamento em si não parece ter sido uma cerimônia de cunho religioso, mas sim uma união celebrada através do ato de ir “residir na mesma casa”. As mulheres no casamento tinham a mesma condição que os homens de solicitar a separação, mas a elas era destinado algumas condições especiais que visavam preservar a integridade feminina, como o direito de receber uma indenização do marido caso a separação fosse injustificada, a garantia

de receber integralmente o seu dote ou ainda a metade dos bens pertencentes ao casal e de continuar residindo na casa pertencente aos dois. A traição não era tolerada, tanto para o homem quanto para a mulher, podendo chegar a ser punida com a morte (*Idem*).

Boa parte da simbólica relacionada ao feminino estava ligada ao fato de ela ser a “Dona da Casa” ou “Senhora da Casa” (*nebet per*) (SILVA, 2012), que assinala que dentro do lar ela era soberana, sendo responsável em grande parte pela educação dos filhos e a administração da residência. Mas a vida da mulher egípcia nunca se restringiu apenas ao lar, as egípcias juridicamente podiam exercer atividades públicas, assumindo as mais diversas profissões incluindo a de escriba<sup>3</sup>. Inúmeras são as representações, por exemplo, de mulheres efetuando comércio em locais públicos ou atuando autonomamente como dançarinas, flautistas ou cantoras, e também em inúmeras outras atividades (como o exercício da medicina). Segundo Ciro Flamarion Cardoso:

[...]A mulher egípcia era *sui juris*, podendo dispor livremente de seus bens, intentar processos na justiça, tomar a iniciativa do divórcio tanto quanto o homem, desempenhar um papel ativo em diversas atividades [...], enfim ir e vir com ampla liberdade. Havia, sem dúvida, certas limitações. Assim, por exemplo, se no séc. III a.C. achamos mulheres que desempenham funções administrativas ou sacerdotais das quais dependem bens e pessoas pertencentes ao palácio e aos templos, isso diminui muito nos períodos posteriores. Mesmo para o Reino Antigo, a presença de mulheres naquelas funções sempre foi quantitativamente muito inferior à dos homens. (CARDOSO, 1993, p.103-105)

Podemos problematizar esta informação, algumas correntes discutem se realmente é tão relevante para o Egito a questão do exercer ou não determinada atividade, ou do ter ou não conhecimento da escrita. Para algumas autoras, como Taís Rocha da Silva, o não fazer algo deliberadamente não significa que algo lhe seja negado ou proibido como no machismo moderno, mas que havia atividades que mesmo sendo mais específicas de homens ou de mulheres tentavam corresponder a arquétipos, em um sentido cosmogônico da vida, onde necessariamente não havia uma diminuição da atividade feminina em relação à masculina (SILVA, 2013). Segundo Margaret Bakos, no antigo Egito “[...] homens e mulheres endeusavam fenômenos da natureza e ritualizavam as próprias ações, em uma notável harmonia e cosmovisão da coletividade” (BAKOS, 2009, p.38), sendo que podemos encontrar nos textos egípcios, como as Máximas e Instruções, os mitos e mesmo as cartas (como

<sup>3</sup> Esta ainda é uma questão problemática, alguns autores não concordam com esta afirmação, negando inclusive que as mulheres no Egito soubessem escrever. Porém, as evidências de material de escriba na tumba de uma princesa egípcia e os títulos associados a ela parecem ser registros muito claros do contrário. Taís Rocha da Silva problematiza um pouco esta questão em sua dissertação de mestrado sobre cartas de mulheres no Egito Faraônico, afirmando inclusive que esta questão acaba não sendo tão crucial para o status da mulher egípcia no contexto faraônico, seu lugar estava muito bem assegurado e não sofriam necessariamente algum tipo de rebaixamento em relação aos homens por conta disto (ver SILVA, 2013).

exposto por SILVA, 2013), valores e comportamentos esperados de homens e mulheres (BAKOS, 2009).

Teresa Bedman González concorda com esta visão, afirmando que:

[...]La sociedad egipcia estuvo organizada, no bajo criterios de dominancia en los que el hombre imponía su ley sobre la mujer, sino sobre principios de racionalidad y equilibrio que hacían ubicar a cada quien en su lugar, conforme a un orden natural (BEDMAN, 1998, p.2).

Deste modo, ao contrário do que pressupunham os estudos das feministas, a mulher no Egito não esteve em um lugar superior ao homem nem inferior a ele, mas ocupava o espaço que lhe cabia dentro de uma cosmovisão da coletividade. Apesar destas considerações acerca da construção da ideia de gênero, reiteramos que as categorias do feminino não são homogêneas (SILVA, 2013). Devemos levar em consideração, intrínseca a sua observação, a noção de classe. Assim, problematizamos até que ponto nossas observações acerca das mulheres no Egito aplicam-se a todas as classes de mulheres egípcias ou não (SILVA, 2013; OLIVEIRA, 2005; COSTA, 2015).

Neste sentido, a pouca ocorrência de mulheres exercendo determinadas atividades, não anula o fato de que elas poderiam exercer estas atividades, enquanto que em outros momentos históricos isso não parece ter sido possível, não é um definidor necessariamente de uma opressão do feminino no Egito (SILVA, 2013). Assim, a genealogia e a hereditariedade no Egito era determinada pela mulher. Deste modo, mesmo um faraó, para legitimar-se deveria ser filho de uma rainha principal. Ísis assume um papel crucial neste sentido, ela é aquela que dá a luz a Hórus, herdeiro de Osíris.

Ao mesmo tempo, pensar que as mulheres tem uma história única, monolítica (OLIVEIRA, 2005) e independente dos homens também é errôneo. Uma abordagem sobre o tema deve compreender as particularidades. Deve-se investigar como as hierarquias se constituem, entrecruzando análises de gênero com as relações sociais (OLIVEIRA, 2005). Sabemos que o Egito possuiu muitos períodos históricos imensamente distintos entre si, por conta de sua longa história. Obviamente a situação da mulher não foi sempre a mesma ao longo de todos eles. É provável que a existência feminina tenha sido mais facilitada no Reino Antigo e no Novo Império durante a XVIII dinastia particularmente. Infelizmente para o Reino Antigo as fontes são escassas, tornando-se muito difícil confirmar tal afirmação, porém para a XVIII dinastia a existência de muitas mulheres notáveis é incontestável.

A primeira obra a aprofundar o estudo da história de gênero no Egito foi a de Gay Robins, “Women in Ancient Egypt”. A autora, apesar de conseguir dar conta de algumas necessidades interpretativas do tema, não consegue fazer uma abordagem metodológica mais

aprofundada, reproduzindo os mesmos temas utilizados em estudos anteriores (SILVA, 2013). Seu método de cotejar as fontes, no entanto, abre margens para outros estudos (OLIVEIRA, 2005). Numa abordagem mais geral sobre o tema também temos a obra de Chistine Desroches Noblecourt, “La femme au temps des pharaons”, embora a obra apresente alguns problemas metodológicos, como generalizações (OLIVEIRA, 2005, p. 133) e informações confusas. A obra mais recente foi publicada por Carolyn Graves-Brown em 2010, “Dancing For Hathor: Women in Ancient Egypt”, nela a autora relaciona os estudos de gênero com fontes sobre as mulheres egípcias, delimitando diferenças entre os períodos em uma abordagem cuidadosa.

As abordagens acerca da realeza egípcia são as mais tradicionais. São incontáveis os trabalhos sobre o tema, abordando as listas de faraós, seus períodos de regência, o estilo artístico e arquitetônico do período, as obras públicas que realizou, etc. Acerca das relações das mulheres com a realeza temos os trabalhos de Alba Yonte (2010), que estuda o caso da rainha Meresankh. Sua obra consegue reunir tópicos sobre arqueologia e discussões sobre gênero e divindades dentro da realeza egípcia. A autora também discorre sobre a simbologia real egípcia e suas adaptações ao longo do tempo.

Enfim, o número de publicações acerca do tema mulheres no Egito ainda é bastante reduzido, apesar do vívido encantamento que este tema produz, principalmente no que diz respeito as rainhas e as faraós, Cleópatra, Nefertiti, Nefertari, Hatshepsut, etc.

Para compreender melhor a situação das egípcias, é necessário ter em mente que a sociedade faraônica era dividida em múltiplas camadas (OLIVEIRA, 2005). Sendo totalmente hierarquizada, em seu topo posicionava os deuses, dos quais alguns homens e mulheres podem partilhar de sua condição divinizada (OLIVEIRA, 2005). O faraó e sua família se colocam no ponto de ligação entre a esfera divina e a humana, seguidos da corte e sacerdotes, os escribas próximos dos artistas e artesãos, médicos, cervejeiros, padeiros, etc. , em outra instância os camponeses e por último, os escravos (OLIVEIRA, 2005).

Dentro desta sociedade, falar sobre as mulheres como sendo um grupo homogêneo é errôneo.<sup>4</sup> Elas também estavam inseridas nessa hierarquia, que em seus diversos níveis encontra as suas particularidades. Assim, a condição da mulher camponesa é muito distinta da mulher da realeza. Sendo que quanto mais alto o lugar da mulher na hierarquia maior é sua possibilidade de ação política (OLIVEIRA, 2005) e pública (WIEDEMANN, 2007, p. 109).

---

<sup>4</sup>SILVA, 2013, também utiliza esta questão para discorrer sobre a análise das cartas de mulheres.

### 3 HATSHEPSUT



**Figura 1 - Rosto da faraó Maatkara (Hatshepsut) (in SOUZA, 2010).**

#### 3.1 TRAJETÓRIA DE HATSHEPSUT

Hatshepsut era filha primogênita do Faraó Tutmósis I com a “Grande Esposa Real” Ahmose, sendo ela descendente em linha direta de Amenhotep I. Seu reinado durou um curto período de tempo (1524-1518 a C), tendo iniciado a construção do complexo de Karnak em Tebas. Seguindo a tradição, Hatshepsut casou-se então com o herdeiro do trono Tutmósis II, para conceder-lhe a legitimidade necessária para reinar visto que este não era herdeiro legítimo do trono, por ser filho do rei com uma esposa secundária, Mut-Nefert. Hatshepsut torna-se então a “Grande Esposa Real”. O tempo exato de reinado de Tutmósis II nos é desconhecido, é provável que não tenha ultrapassado catorze anos governando as “Duas Terras”. A rainha teve com ele uma filha apenas, ou duas, segundo Bedman, Neferu-Ra e Merit-Ra Hatshepsut (BEDMAN, 2002, p. 69). A primogênita Neferu-Ra provavelmente seria preparada para, tal como a mãe, no futuro tornar-se a grande esposa real. Com a morte de Tutmósis II o trono fica ao encargo do pequeno Tutmósis III, que acredita-se na época tivesse de cinco a dez anos, provavelmente filho do Faraó com uma esposa secundária, Ísis, a qual possuía o título de “Ornamento Real”. Tal como o pai, para que sua legitimidade se consolidasse, Tutmósis III deveria casar-se com a filha primogênita da “Grande Esposa Real”, a princesa Neferu-Ra. Como o filho era muito jovem para reinar, a regência do país fica ao

encargo da “Grande Esposa Real”. A rainha então passa a contabilizar seu período de regência nos anos de reinado de Tutmósis III. Também o inclui nas solenidades públicas nas quais era solicitada a presença do monarca e nos rituais que deveria presidir. Hatshepsut representava Tutmósis a seu lado em inúmeros monumentos, o que presume até então, uma corregência pacífica.

Após o ano VII do reinado de Tutmósis III, estando a “Grande Esposa Real” Hatshepsut a exercer com ele uma suposta pacífica corregência, se autoproclama “Rei do Alto e Baixo Egito”, colocando Tutmósis em segundo plano. Para nós este é um ponto crucial que faz com que Hatshepsut seja uma das mulheres mais citadas nos livros que tratam da história do Egito, tanto quanto os faraós mais famosos como Ramsés II e Akhenaton. Os retratos de Hatshepsut variam muito, alguns egiptólogos a descrevem como “a grande usurpadora”, a algoz do pequeno Tutmósis III, demonizando sua figura e identificando em seu reinado toda sorte de maquinações<sup>5</sup>. Outros, como Gay Robins (1996, p.42), identificam nela certo teor revolucionário e uma personalidade forte capaz de romper certas barreiras, o que em parte concordamos.

Nem tanto ao céu, nem tanto ao inferno, a História por vezes tem nuances inimagináveis e não cabe aos historiadores criar mocinhos ou vilões, mas tentar interpretar os fatos à luz dos conceitos das precárias informações que chegaram até nós. Sabemos pouco e aferimos muito, e de fato grande parte de nosso trabalho consiste em aferir significados e relações para as atitudes humanas. Hatshepsut torna-se o grande ícone da mulher faraó anterior ao Egito Ptolomaico, quando o título é transferido à inefável Cleópatra VII, outra que está envolvida em uma série de polêmicas e lendas relacionadas ao seu reinado.

Mas, por que as mulheres faraós suscitam tanto interesse e admiração? Devemos isto em grande parte ao cinema que alimentou a imaginação do grande público e também à literatura. As rainhas do Egito tornaram-se fetiche, principalmente após a representação de Elizabeth Taylor no cinema, interpretando Cleópatra VII e que torna-se a mais icônica das imagens cinematográficas a evocar o Egito. Outro fato que faz com que despertemos a imaginação com relação a este assunto, é a memória da sociedade patriarcal em que vivemos, na qual durante muito tempo as mulheres tiveram o acesso negado a inúmeras funções e direitos. Surpreende-nos, portanto, que uma mulher possa ocupar uma posição de mando em uma sociedade que a nossos olhos parece tão rígida quanto a egípcia. Para os egiptólogos

---

<sup>5</sup> Sobre este tema ver KELLER, C. – **Hatshepsut’s reputation in history** – In ROEHRIG, 2005, p.294-297.

conta o fato de que são poucos os casos bem documentados de mulheres faraós, e no caso específico de Hatshepsut surpreende ainda mais pelo tempo de reinado.

Segundo Bedman, a autoproclamação de Hatshepsut como faraó causou uma reviravolta nas aspirações do clero de Heliópolis, que desde os primórdios da XVIII dinastia vinha perdendo em influência para o clero de Amon em Tebas. Para a autora parece ter havido uma intenção por parte do clero heliopolitano, de tentar controlar as alavancas do poder através do jovem Tutmósis (BEDMAN, 2002, p. 71).

Como representante titular de uma monarquia, Hatshepsut, segundo alguns autores poderia reivindicar o trono por ser considerada a descendente direta de duas dinastias faraônicas, os Améssidas e os Tutmósidas; porém, para Gay Robins, esta descendência nunca existiu de fato, colocando em realidade, que Hatshepsut teria ambicionado o trono por ter um temperamento forte e por haver buscado apoio em funcionários leais (ROBINS, 1996, p.42). Não discordamos que Hatshepsut pudesse ter tido um temperamento forte, e concordamos totalmente com a afirmação de que o fato de ela ter constituído um corpo de funcionários leais foi absolutamente crucial para sua estabilização no trono. Porém, também cremos que para a rainha ter conquistado o apoio de alguns dos nobres da corte e ter podido ambicionar o trono das “Duas Terras” eram necessárias mais motivações do que simplesmente um “temperamento forte”. Hatshepsut necessitava legitimidade frente à coroa, e para tal era necessário descendência, capacidade, apoio e jogo político. É provável que em seus anos de reinado como regente, Hatshepsut tenha preenchido as expectativas daquilo que cabe como governante. O pequeno Tutmósis III era ainda muito jovem e inexperiente para reinar, e Hatshepsut havia acompanhado dois monarcas em seus períodos de reinado (seu pai Tutmósis I e seu “irmão” e marido Tutmósis II), tendo ocupado posições importantes em ambos. Além de legitimidade, a rainha centrava em si experiência, o que em um momento de crise no Egito seria crucial para manter a unidade do estado. A própria ausência de uma transferência do trono a uma linhagem masculina direta, a dizer, do faraó a seu herdeiro com a “Grande Esposa Real” por si só condiciona uma crise de legitimidade que poderia levar a movimentos contestatórios e ao fim da linhagem dos Tutmósidas. Ao assumir o trono, Hatshepsut, portanto consolidaria em si a continuidade de duas dinastias, os Ahméssidas e os Tutmósidas.

### 3.2 HAPUSENEB E SENENMUT

Duas figuras foram centrais para o reinado de Hatshepsut: Hapuseneb e Senenmut. Hapuseneb foi sumo sacerdote de Amon em Tebas, “vizir” e “chefe de todos os templos” (BEDMAN, 2002, p. 72). Provavelmente foi o responsável por compor para a rainha sua teogamia, tema central de estudo neste trabalho, como uma forma de expor o apoio do clero tebano à monarca do Egito. Hapuseneb centrava em si um grande poder religioso e político.

Durante a XVIII dinastia parece ter ocorrido uma disputa entre o clero de Amon em Tebas e o clero heliopolitano por influência sobre a monarquia faraônica. Seguramente o poder do clero tebano cresceu muito a partir da XII dinastia e alcançou seu auge durante a XVIII dinastia, cujos soberanos eram originários de Tebas. A associação da divindade amoniana com o poder régio constitui um processo de solarização deste deus, identificando-o com Rá, de onde surge a divindade Amon-Rá, deidade máxima da crença egípcia, é o “Sol Oculto”, “Criador”. O clero heliopolitano, por sua vez, era poderoso desde o Reino Antigo, quando ocorre a solarização da monarquia faraônica<sup>6</sup>.

Senenmut foi o “grande mordomo real”, “confidente da Esposa do Deus”, “regente da totalidade das Duas Terras” e “chefe de todas as obras” (BEDMAN, 2002, p. 72). Era o grande apoiador de Hatshepsut dentro da corte. Foi preceptor da filha mais velha da rainha, Neferura, sendo associado a ela em inúmeras representações, como as que se pode vislumbrar no Metropolitan Museum of Art<sup>7</sup>. Como arquiteto, construiu para Hatshepsut seu “Templo de Milhões de Anos”, uma obra fabulosa no contexto arquitetônico egípcio. Em algumas literaturas é referenciado como amante da rainha, o que na falta de evidências concretas pode ser um falacioso reflexo da necessidade ainda existente na mentalidade de alguns de relacionar um governo feminino a uma figura masculina influente. É muito provável que Senenmut tivesse uma origem humilde, tendo construído uma majestosa tumba para seus pais através do apoio da rainha, e na qual foi encontrada a primeira referência a Hatshepsut como faraó (ROEHRIG, 2005). O arquiteto eternizou a si mesmo no “Templo de Milhões de Anos” de Hatshepsut, algumas de suas representações, tal como as da faraó sofreram *damnatio memoriae*, certamente pela profunda ligação que tinham entre si. Ambas figuras foram

---

<sup>6</sup> A identificação da figura régia com o sol.

<sup>7</sup> ROEHRIG, 2005 p. 112-130.

cruciais no processo de legitimação de Maatkara<sup>8</sup> (Hatshepsut) como faraó. Hapuseneb e Senenmut lhe forneceram apoio político, religioso e aparato ideológico para reinar.

### 3.3 A RELAÇÃO DA RELIGIÃO COM A MONARQUIA NA XVIII DINASTIA

A religião egípcia ocupava um papel crucial dentro de uma sociedade onde a dimensão do sagrado era abrangente. Assim, temos uma religiosidade também intrínseca aos mecanismos de Estado, da qual a constituição ideológica destes era sumariamente dependente. Neste sentido, a religiosidade transpassa a política, criando a ideia de um governante divinizado. O faraó deve ser o mais correto e perfeito, pois é filho direto dos deuses. É apenas através do rompimento deste laço (do faraó com os deuses) que seu governo pode ser ignorado (posto de lado), criticado e considerado não digno da divindade. Este é o caso de Akhenaton, que rompe com as formas religiosas tradicionais em seu reinado, rechaçando a teogonia anterior e sendo considerado pelos que o sucederam, como indigno de ter sido governante.

O mesmo não pode ser dito de Hatshepsut, ela não necessariamente rompeu com os deuses, ou desrespeitou as formas tradicionais de religiosidade de modo que motivassem a exclusão de seu nome das listas reais; o que parece significar que os motivos para tal tenham sido iminentemente políticos. Poderíamos associar o ocultamento do nome de Hatshepsut ao fato de ela ser uma mulher e que, portanto, sua posição em um cargo de mando seria indigna. As fontes parecem caminhar para nos dizer que não<sup>9</sup>. Primeiramente porque Hatshepsut conquista uma posição de reconhecimento diante do clero de Amon como exposto na narrativa de seu nascimento. Segundo, porque podemos atestar a elevada posição de prestígio de que gozavam as mulheres da realeza egípcia (inclusive com diversos exemplos na XVIII dinastia, como Ahmés-Nefertari e Nefertiti) e particularmente as esposas reais, embora

---

<sup>8</sup> Nome de entronização (coroação) de Hatshepsut.

<sup>9</sup> Sobre esta questão as fontes iconográficas trazem reflexões interessantes, visto que, Hatshepsut não oculta sua identidade feminina em muitas de suas representações, embora seja representada por vezes com atributos masculinos em uma função ritual. Sobre isto afirma-se “The way with which textual and visual representations integrate her femininity does not point to any gender problem. We cannot even be certain that gender issues rather than political or other reasons were responsible for the later persecution of her memory.”(GALÁN, 2014, p. 27)

nenhuma delas tenha ocupado a posição que Hatshepsut ocupou<sup>10</sup>. E, por último, o aspecto mítico egípcio presente na narrativa osíriaca, não nega explicitamente a posição de mando à mulher<sup>11</sup>, mas reitera sua importância na garantia linhagem sucessória, como Ísis<sup>12</sup> que mantém a ordem na ausência de Osíris e a perpetuação da dinastia através de Hórus. Em outro mito, por exemplo, é narrada uma trama de Ísis para descobrir o nome oculto de Rá, o que lhe aferiria poder sobre o senhor do universo, sendo assim a mais poderosa dentre os deuses. Ísis é bem sucedida, mas opta por não utilizar seu privilégio (GRALHA, 2012, p.195).

Deste modo, Hatshepsut não pode ser vista como usurpadora<sup>13</sup>, pois se estabelece como mantenedora da ordem do Egito tal qual Ísis. Além disto, a rainha condensava em sua genealogia a herança dos Tutmósidas e dos Ahmésidas, duas dinastias faraônicas, simbolizando o equilíbrio necessário e a consolidação do poder. Tutmósis III era ainda jovem enquanto a rainha regente governava em seu lugar, contabilizando o seu período de governo em seus anos de reinado. Teria sido ele a tentar apagar a memória da faraó? Seria, como pressupõem alguns, uma vingança por ter sido posto de lado? Não se pode precisar ao certo. Talvez a sombra de Hatshepsut impedisse o faraó, ou seus sucessores, de governar, ou não teria sido ele o responsável por fazê-lo. Fato é que a grande maioria dos egiptólogos crê que seja ele um dos responsáveis pelo ocultamento do nome da faraó.

### 3.4 AS MUDANÇAS DE TITULATURAS DE HATSHEPSUT

Nascida sob o nome de Hatshepsut, que quer dizer “A Primeira das Damas”, surge no contexto egípcio a primeira filha do faraó Tutmósis I com a rainha Ahmose. O surgimento do título de “Esposa do Deus” na XVIII dinastia, primeiramente atribuído a Ahmés-Nefertari, designa um novo papel exercido pelas mulheres da realeza nesta dinastia, apesar de ainda não termos muita clareza sobre as atribuições que este título acarretava. Sabemos, no entanto, que a atribuição deste título vinculava suas possuidoras (como Ahmés-Nefertari e Hatshepsut)

---

<sup>10</sup> Existe uma grande discussão historiográfica sobre se Nefertiti chegou a ser faraó, porém ainda faltam evidências para afirmá-lo.

<sup>11</sup> Porém também não afirma categoricamente.

<sup>12</sup> No entanto, este arquétipo está relacionado diretamente às rainhas regentes e não às faraós. A identificação do rei com Osíris faz com que haja a necessidade de flexibilizar a identidade (masculino/feminino) de um faraó feminino.

<sup>13</sup> Devemos buscar compreender os motivos que levaram à contestação da sua legitimidade.

diretamente a Amon (LAPORTA, 2014), sem necessidade do intermédio do faraó, estabelecendo uma ligação direta destas com a divindade tebana (LAPORTA, 2014, p. 67). Além disto, é de suma importância para compreender o papel excepcional exercido pelas mulheres da XVIII dinastia, o fato de que muitas delas tiveram seus nomes inscritos em cartuchos, algo que até então era privilégio exclusivo do faraó.

De princesa torna-se a “Grande Esposa Real” de Tutmósis II, mas, sem lhe conferir filhos varões o rei falece deixando a “Grande Esposa Real” e “Esposa do Deus” como “Regente das Duas Terras”. A grande surpresa ocorre, porém, quando de regente a rainha toma para si o título de “Rei do Alto e Baixo Egito”, (*nswt bjty*) inserindo seu nome de entronização Maat-Ka-Ra (“O equilíbrio é a força vital de Rá” ou “A verdade está na alma de Rá”) em um cartucho, algo que, como dito anteriormente, era privilégio dos faraós. Tal mudança deve ter ocorrido no ano 7 de reinado de Hatshepsut como regente, embora possa ter ocorrido antes, mas o registro mais antigo que possuímos de sua alteração de titulação nos assegura esta data, de modo que não se pode afirmar nada nesse sentido, anterior ao ano 7<sup>14</sup>. No contexto de sua coroação, Maatkara também assume o título de “Filha de Amon” através da narrativa de seu nascimento divino. Por fim, a última alteração sofrida em sua titulação foi a *damnatio memoriae*, o ocultamento de sua memória como faraó, sobre o qual discutiremos mais adiante (LAPORTA, 2012).

Ao longo de toda a XVIII dinastia as exceções parecem ter sido uma constante, nela surgiram faraós de grande envergadura e também faraós cujas ações resultam grandes questões para a Egiptologia. Nela temos Amenófis I, Ahmés-Nefertari, os Tutmósis (I,II,III...), Ahmose, Hatshepsut, Akhenaton e Nefertiti, Tutankhamon... Até o seu término, a XVIII dinastia teve de lidar com grandes problemas sucessórios.

Amenófis I, por exemplo, não teve herdeiros varões legítimos, o que deu margem à ascensão de uma linha dinástica “alternativa”, a dos tutmósidas, possibilitando que se instalassem posteriormente controvérsias em torno da legitimidade real. No tempo de Tutmósis III, a rainha regente altera sua designação original de “Grande Esposa Real” (*hmt nsw wrt*) para “Rei do Alto e Baixo Egito” (*nsw bjt*), ocupando também o título de “Hórus de

---

<sup>14</sup> Sobre a questão do 7º ano de reinado de Hatshepsut: Inscrições com a titulação faraônica da rainha foram encontradas nos selos de três ânforas na Tumba 71 de Tebas (TT71), atribuída aos pais de Senenmut. Obviamente, neles a data de coroação não está precisada, mas são a primeira evidência associada a uma data, que se conhece, de Hatshepsut-Faraó (ROHRIG, 2005, p.107).

Ouro” (*Hr hbw*) tradicionalmente masculino. Virginia Laporta coloca algumas questões relacionadas a isto, que exporemos a seguir.

A autora analisa a partir de alguns pressupostos teóricos, que a visibilidade do mundo histórico está dada a partir de suas transformações (LAPORTA, 2012, p.84), ou seja, quando o diferente aparece em uma sociedade é que podemos vislumbrar suas contradições. As mudanças são episódios de desestabilização que tornam visíveis as estruturas sociais em que estão inseridas, tornando possível a delimitação de temporalidades históricas (LAPORTA, 2012). A mudança ontológica de titulação de Hatshepsut se insere, portanto, como um momento crítico da XVIII dinastia, fazendo ver suas contradições e proporcionando uma reflexão histórica sobre o lugar da mulher nesta sociedade, inserindo em um contexto (*Idem*).

É necessário para esta questão esclarecer sobre a importância que as titulações possuíam na sociedade faraônica. Com uma estrutura social rigidamente hierarquizada, possuir um título significa ocupar um determinado lugar nesta hierarquia, que busca corresponder a uma determinada visão cósmica do mundo (LAPORTA, 2014). Ou seja, as posições dentro da hierarquia tem seus equivalentes cósmicos, em uma tentativa de reproduzir *o céu na terra* (ELIADE, 1992, p. 19). A repetição dos arquétipos existe para manter o mundo coeso, de modo que inovações e improvisações nem sempre são bem quistas (ELIADE, 1992 ; LAPORTA, 2014). Assim, o “Rei-Defunto” é Osíris, seu herdeiro do trono é Hórus, a “Grande Esposa Real” e “Mãe do Rei” é Ísis ,que tem de assegurar a subida do filho ao trono evitando que forças caóticas tomem conta do país. E isto ocorre não apenas para a realeza, mas também para as profissões e para o âmbito familiar, ser escriba, por exemplo, é ser discípulo de Thot, ser um construtor é guardar relações com Ptah, a “Senhora da Casa” é co-partícipe da criação cósmica dentro do seu próprio lar (SILVA, 2013). Ser homem ou ser mulher nesta sociedade também significa estar conectado a uma das polaridades da criação, as quais dentro da coesão social cabem determinadas responsabilidades (BAKOS, 2009;). Concordar ou não com esta visão de mundo pouco importa, basta saber que no Egito corresponder a uma titulação significa estar identificado a um arquétipo que exerce uma determinada função dentro da coesão social. Assim, uma mudança de titulação de Hatshepsut significa também uma alteração na sua função ritual e uma alteração do seu papel na ordem cósmica. Como regente, Hatshepsut é Ísis que assegura o poder a Hórus, como faraó encarna o poder do próprio Hórus para governar (LAPORTA, 2012).

### 3.5 O APAGAMENTO DA MEMÓRIA DE HATSHEPSUT

A eliminação dos vestígios relativos ao nome e as imagens do nascimento divino da rainha teria sido iniciada por Tutmósis III, embora apenas superficial e discretamente no início, foi mais incisiva na época raméssida (*idem*). Esse apagamento priorizou os elementos que a identificassem e a apreciação da sua legitimidade dinástica. Assim, se atacou o *nome* de Hatshepsut<sup>15</sup> nos relevos e as imagens de sua *narrativa de nascimento* que lhe aferiam legitimidade como filha do deus Amon, porém, quando se apagam os vestígios da Rainha ainda se preservam os nomes dos deuses nos relevos. Para Virginia Laporta, o que predominantemente se tentou eliminar foram as características que haviam determinado a acessibilidade da faraó ao trono.

Segundo a autora, a hipótese do apagamento do nome da rainha ter se dado por conta de uma vingança do faraó Tutmósis III perde muito da sua fundamentação ao comprovar-se que a eliminação do nome de Hatshepsut produziu-se apenas nos últimos anos do reinado de Tutmósis, quase 20 anos depois da morte da rainha. Para além disto, seus registros como membro da realeza (o fato de ser filha do rei e “Grande Esposa Real”) não foram atacados.

Uma hipótese mais recente acerca do tema coloca que o apagamento dos vestígios da mulher faraó pode ter sido necessário para legitimar a posição sucessória do herdeiro de Tutmósis III, Amenófis II. O nome deste faraó indica que ele tentou vincular-se diretamente a uma genealogia Ahméssida, da qual Hatshepsut havia sido a última monarca representante. De fato, de acordo com as evidências, o apagamento do nome de Hatshepsut interrompeu-se no início do reinado de Amenófis II. Se recorreu, portanto, à eliminação da memória da mulher faraó para erradicar a excepcionalidade do período precedente e garantir aos reis posteriores a capacidade de confirmar sua posição perante o trono (LAPORTA, 2012, p.26).

Os reis posteriores protagonizam um apagamento deliberado da figura régia de Hatshepsut das listas reais, de modo a minar qualquer referência à ela de sua linhagem. As listas reais possuíam uma importância ritual (CERVELLÓ AUTUORI, 2006), as primeiras de que temos conhecimento estavam relacionadas com o contexto funerário, através da identificação das oferendas rituais para o monarca defunto, portanto, a função ritual das listas

---

<sup>15</sup> Resulta curioso que o nome Hatshepsut (“a mais nobre dentre as damas”) tenha sido mais atacado do que seu nome de entronização (Maatkara). Segundo Virginia Laporta (2012) provavelmente por este ser composto pelos nomes de três divindades importantes.

está associada ao culto dos antepassados (do faraó), evocando a sua descendência. Dentro da realeza egípcia o parentesco pode ser expresso em dois níveis (*Idem*): a *ancestralidade*, que é a identificação do monarca com um deus ancestral a que a comunidade ou o estado rendem culto <sup>16</sup> e a *genealogia*, que é o conjunto de relações entre parentes que são estabelecidas culturalmente e que determinam o lugar e a categoria social dos indivíduos.

Ambos os níveis relacionam-se com a legitimidade do poderio do monarca, porém o primeiro evoca o sentido mítico-religioso, enquanto o segundo está mais relacionado com a dimensão política. Este sentido mítico-religioso da ancestralidade é evocado continuamente através das titulaturas, *Filho de Rá (s3-re)*, *Filho de Amon e Hórus (h-rw)* ou *Hórus de Ouro* que identificam o monarca vigente com o ancestral divino da monarquia faraônica (CERVELLÓ AUTUORI, 2006). Em alguns relevos em que Hatshepsut é colocada como Filha de Amon, os faraós posteriores lhe apagaram o nome, para pôr no lugar seus próprios nomes, com a finalidade de associar também a sua legitimidade a Amon.

Também no sentido de vincular-se a uma *ideia* específica de monarquia, os raméssidas realizaram uma nova empreitada contra a memória de Hatshepsut. Em busca de uma ancestralidade viril e guerreira (LAPORTA, 2012; PARKINSON, 2011), eles eliminaram os vestígios da faraó das listas reais e ocultaram suas imagens, assim como as de outros reis que não foram considerados *dignos* de terem ocupado o trono do Alto e Baixo Egito, tais como Akhenaton e seu sucessor Tutankhamon<sup>17</sup>.

## 4 AS INSCRIÇÕES E A NARRATIVA DE NASCIMENTO

### 4.1 AS INSCRIÇÕES DE HATSHEPSUT

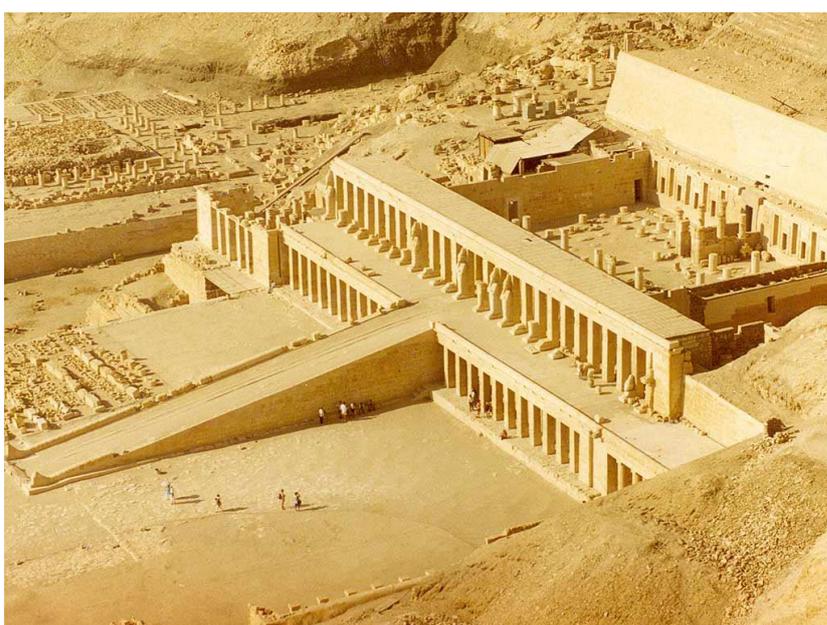
Ao longo de seu tempo de reinado, a rainha construiu para si inúmeros monumentos, alguns dos quais contam entre os mais famosos do Egito. Construiu sua fabulosa Capela

---

<sup>16</sup> Esta questão é de suma importância para compreender como a evocação do deus Amon em sua linhagem é um forte instrumento de legitimação real, utilizado primeiramente por Hatshepsut em seu contexto político, e posteriormente pela força que este ato comporta na sociedade egípcia, pelos reis posteriores.

<sup>17</sup> Como podemos observar nas listas reais de Abidos.

Vermelha, cujo esplendor conhecemos apenas em parte por conta das depredações que sofreu ao longo dos séculos. Também erigiu seus dois famosos obeliscos em Karnac, dos quais apenas um encontra-se de pé, sendo, porém, o mais alto obelisco egípcio a estar erguido na atualidade com cerca de 30 metros. Materializou sua imagem em inúmeras estatuetas, com os mais diversos motivos, algumas sob a forma de Esfinge, outras de Carneiro de Amon ou, ainda, como “Rei do Alto e Baixo Egito”. Mas, certamente seu registro que mais nos causa admiração dentre todos é seu “Templo de Milhões de Anos” em Deir el-Bahari. De proporções obviamente monumentais, este templo é absolutamente inusitado em suas concepções arquitetônicas. Ele foi escavado na rocha, mas apesar disto possui uma concepção mais aberta da fachada, composta de colunas e de uma longa passarela que conduz ao segundo patamar. Ao fim desta passarela a rainha é representada sobre a forma osíriaca, em inúmeras estátuas, saudando aqueles que vem velar a sua memória naquele local. É neste maravilhoso lugar que encontramos a narrativa de seu nascimento divino descrita em inúmeros detalhes ao longo dos pavimentos. Resultaria uma fonte ímpar para o estudo da faraó se estivesse plenamente conservada, porém, o destino reservou a Hatshepsut um brutal ataque a sua memória e pouco restou das suas inscrições após tantas depredações. Mesmo assim, o pouco que conhecemos ainda resulta em uma fonte valiosíssima de entendimento do longo reinado desta mulher faraó, cujo legado ainda permanece, queiram ou não seus inquisidores antigos e modernos, incrustado em pedra ao longo do Egito.



**Figura 2- Templo de Milhões de Anos da Faraó Hatshepsut em Deir el-Bahari (Wikipédia).**

Através dos corredores do lugar que Hatshepsut escolheu para que fosse sua morada para a eternidade, a rainha retratou os principais aspectos de sua vida como soberana do Alto e Baixo Egito. Por meio de sua concepção divinatória torna-se Filha do Deus Amon, em um gesto carregado de simbolismos. Nas inscrições de seu Obelisco em Karnac, construído em homenagem ao deus Amon, a soberana diz:

Agora meu coração volta-se para cá e para lá,  
 Pensando o que o povo<sup>18</sup> dirá,  
 Aqueles que verão o meu monumento depois de anos,  
 E falarão sobre o que eu fiz,  
 Acautelem-se de dizer, ‘Eu nada sei, eu nada sei:  
 Porque isto foi feito?’  
 Para moldar uma montanha de ouro,  
 Como alguma coisa que merecidamente aconteceu,  
 Eu juro, como eu sou amada de Re,  
 Como Amun, meu pai, me favoreceu.<sup>19</sup>

Hatshepsut pensa no que a posteridade dirá sobre ela, acreditarão nas maravilhas de seu reinado? Acreditarão que sua posição no trono do Alto e Baixo Egito era merecida? Propositadamente a faraó reitera que merecidamente aconteceu, que ela foi favorecida por Amon. Este trecho nos revela que além de se considerar digna de ocupar o trono do “Duplo País”, ela também considera que é digno o apoio que recebeu do clero de Amon. Assim, ao dizer que seu pai Amon lhe favoreceu, Hatshepsut está comunicando que o clero de Amon a apoia, utilizando para isto atributos simbólicos de identificação da vontade do deus com a ação de seus sacerdotes. Sabemos da importância do clero de Amon ao longo de toda a XVIII dinastia. Com exceção de Akhenaton, o grande herege, os reis desta época buscaram exaltar os sacerdotes tebanos, também como forma de fortalecer a dinastia que é originária daquela região contra o poder do clero heliopolitano que durante grande parte da história do Egito,

---

<sup>18</sup> Existiam três designações para denominar “povo” entre os egípcios: *rekhyt* (povo comum, súditos), *pat* (nobres) e *henmemet* que genericamente significa “povo solar de Heliópolis” e que é sinônimo da totalidade dos egípcios (ver CARDOSO, 2012, p.15). A menção de povo aqui corresponde ao último termo (GALÁN, 2014).

<sup>19</sup> As referências ao texto do Obelisco de Hatshepsut em Karnac foram retiradas da tradução feita para o português de BAKOS, 2012. Cap. 1, a partir da versão em inglês de Miriam Lichteim, traduzida dos originais.

esteve atrelado ao poderio dos faraós intervindo nas querelas sucessórias e lhes dando aparato ideológico de legitimidade, por exemplo.

Christiane Desroches Noblecourt menciona que, durante uma festa de Opet<sup>20</sup>, aparentemente no ano 2 de reinado de Tutmósis III, o Oráculo do Deus Amon<sup>21</sup> teria reconhecido Hatshepsut publicamente como sua filha (NOBLECOURT, 1986, p.173-177). Porém, só podemos atestar que Hatshepsut ocupasse o lugar de faraó no ano 7 de reinado, a primeira data encontrada que está associada a seu nome de entronização (ROEHRIG, 2005). Se os acontecimentos se deram ou não desta forma não sabemos, mas podemos analisar as representações feitas pela mulher faraó ao longo de seu reinado, tentando compreender suas intenções por trás de seus monumentos. Fato é que ela conquista o trono do Egito através da intervenção do clero de Amon.

Na imagem a seguir, que representa o festival de Opet, vemos a faraó acompanhada de Tutmósis III. Ambos são representados da mesma forma, demonstrando sua condição de faraó partilhada. Seus nomes de entronização são visíveis sobre as suas cabeças inseridos em cartuchos.

---

<sup>20</sup> O festival de Opet ocorria todos os anos durante a cheia do Nilo. Era momento onde a imagem do deus Amon-Ra, juntamente com imagens do *ka* do faraó e dos demais membros da tríade tebana (a deusa Mut, consorte de Amon, e seu filho Khonsu) saíam do templo de Karnak em suas barcas e iam em procissão até o templo de Luxor onde eram efetuados importantes rituais de renovação do *ka* real. Embora os rituais se realizassem geralmente no interior dos templos, estando inacessíveis a população em geral, o festival de Opet era um dos raros momentos em que a estátua do deus e o faraó podiam ser vistos pelo povo egípcio e que o oráculo do deus podia ser consultado (CARDOSO, 2012).

<sup>21</sup> Não podemos precisar como isto se dava através da intervenção das estátuas. Sobre isto Pierre Montet diz: “Talvez para imitar a bondade do santo rei, as maiores divindades condescendiam em dar aos simples mortais uma advertência útil ou em resolver alguma disputa delicada [...] Se o rei dos deuses não desdenhava responder a simples particulares, lisonjeava-se mais quando se ocupava dos grandes interesses do Estado. Quando Ramsés II teve que nomear um grão-sacerdote de Amon, no início do seu reinado, o deus assistia à reunião do conselho, onde foram citados sucessivamente os candidatos e todos aqueles que estavam em condições de ocupar o cargo. Só se contentou com o nome de Nebunnef. [...] Os documentos de que dispomos não descrevem com a clareza desejável como o deus manifestava sua vontade. Alguns egiptólogos, lembrando-se talvez de um capítulo de *Dom Quixote*, acreditam que as estátuas eram articuladas e mecanizadas, e que, sem pronunciar sua resposta podiam erguer ou abaixar o braço, agitar a cabeça, abrir ou fechar a boca. [...] Em outros casos, o deus consultado chegava carregado por seus sacerdotes. Se se inclinasse, significava aprovação. Se recuasse, desaprovação. [...] Quando o deus designava um candidato, pode-se admitir que o caso havia sido resolvido de antemão.” (MONTET, 1989, p. 293-294).



**Figura 3 - Maatkara (Hatshepsut) e Tutmósis III – Relevos do Festival de Opet indicativos da Corregência.**

Cardoso (2012) ressalta que os festivais (referindo-se ao festival de Opet egípcio) são uma encenação da sociedade, incorporando suas ações e pensamentos. Por conta disto, devem estar contextualizados, pois são situacionais. O festival de Opet, como um ritual, produz experiências simbólicas que são vivenciadas de maneira diferente por aqueles que dele participam (CARDOSO, 2012, p. 13-14).

[...] Considerando-se o poder como uma relação, e não como algo que se exerce unilateralmente, a ação ritual *é* poder, mais do que simples instrumento de poder e controle. Uma das funções que exerce *é*, sem dúvida, legitimar a hierarquia social, com suas diferenças e privilégios. Sendo o poder uma relação, o poder que se exerce num ritual tanto pode, eventualmente, ser fator de conformidade (talvez mais frequentemente) quanto de mudança social. O funcionamento de um sistema ritual exige a presença de elementos de constrangimento, mas também de possibilidade, abertura, pelo menos, relativa e negociação, para que sua eficácia possa se manifestar. Em certos casos, o ritual improvisa, e ele pode ser um *locus* em que a tradição *é* revisada mais do que simplesmente reafirmada. (CARDOSO, 2012, p.14)

Construindo seus monumentos e efetuando suas inscrições, a faraó Maatkara (Hatshepsut) estava buscando cumprir com a função ritual que lhe cabia como “Rei do Alto e Baixo Egito”. Esta função abrangia, entre outras coisas:

- Garantir os objetos do ritual (consolidada pela rainha através de sua expedição a Punt, onde busca elementos utilizados no ritual, como o incenso).
- Construir monumentos que celebrem a memória de seu reinado (obeliscos, relevos)
- Construir monumentos aos deuses (a construção da Capela Vermelha)
- Participação nos rituais (festa de Opet, festival de Sed).

Em seu obelisco em Karnak a faraó menciona:

Eu fiz essa doação com um coração<sup>22</sup> cheio de amor por meu pai Amun;  
 Iniciada em seus ocultos começos,  
 Informada com seu benéfico poder,  
 Eu não esqueci qualquer coisa que ele ordenou.  
 Minha majestade conhece sua divindade,  
 Eu ajo segundo o seu comando;  
 É ele quem me guia.  
 Eu não planejo nenhum trabalho sem sua execução.  
 É ele quem dá todas as direções,  
 Eu não dormi por causa do seu templo,  
 Eu não extraviei do que ele comandou,  
 Meu coração era Sia<sup>23</sup> diante dele.  
 Eu entrei nos planos de seu coração. (BAKOS, 2012)

Sobre os motivos que a levaram a construir tão suntuoso monumento, Hatshepsut diz:

Isto foi quando sentei no meu palácio,  
 E pensei em meu criador,  
 Que meu coração me levou a fazer para ele  
 Dois obeliscos de eletro<sup>24</sup>,  
 Cujo cume atingiria o céu,  
 Em majestoso hall de colunas (*Idem*)

Ela cumpre, portanto, com os parâmetros esperados do ritual e das tarefas cabíveis ao faraó. Em homenagem a Amon reitera a preocupação que dedica a sua vontade, certamente associadas às preocupações do clero Tebano. Sobre Tebas, a cidade sagrada dos reis da XVIII dinastia ela diz:

Eu não dei as costas para a cidade do Senhor de Tudo

<sup>22</sup> O coração para os egípcios era o centro do corpo, sendo constituído como a parte mais importante do ser humano.

<sup>23</sup> A personificação do conhecimento.

<sup>24</sup> *Electrum*, liga de ouro e prata muito valorizada no Egito Antigo, é provável que na antiguidade os obeliscos estivessem cobertos com essa liga.

Melhor eu voltei minha face para ela.  
 Eu sei que Ipet-Sut é o lugar da luz na terra,  
 A montanha majestosa dos inícios.  
 O olho sagrado do Senhor de Tudo,  
 O seu lugar favorito que gera a sua beleza,  
 Que reúne os seus seguidores. (*Idem*)

## 4.2 A NARRATIVA DE SEU NASCIMENTO

Chamamos a este tipo de relatos teogamia, que é o ato de nascer a partir de um deus. Conhecemos muitas narrativas deste gênero ao longo da história: Cristo nasce de Maria Imaculada após a visita do Arcanjo Gabriel, Sidhartha Gautama é fruto de um sonho em que a mãe Maya é fecundada por um elefante (animal símbolo do deus Ganesha que representa a sabedoria e do deus Vishnu que é o criador), Quetzalcoatl nasce depois que sua mãe é fecundada por um colibri, que era um deus disfarçado. Também é um tema muito recorrente na mitologia grega, onde os filhos de deuses e homens são heróis e semideuses. No Egito, conhecemos alguns exemplos de homens e mulheres divinizados como o sábio Imhotep e a rainha Ahmés-Nefertari, porém, uma mulher que é colocada como filha de um deus em uma narrativa de nascimento é um caso muito particular. No contexto egípcio devemos lembrar que a figura faraônica já era divinizada através do epíteto : “*Filho de Rá*” (*s3-ra*)- que também alude a uma filiação divina. Porém, narrativas de nascimento, tal como a de Hatshepsut, devem ter sido mais utilizadas para reforçar a titulação de faraós cuja legitimidade fosse frágil.

Hatshepsut inaugura uma nova forma de atribuir legitimidade, que depois é apropriada pelos reis posteriores pelos mesmos motivos. Estabelece uma segunda relação de divinização para si além daquela já possuída pelos faraós, mas a qual ela não correspondia plenamente ao arquétipo, em parte por ser mulher, em parte pela presença de Thutmósis III que deveria exercer a função ritual de sua contraparte masculina, sendo, portanto, o monarca legítimo, a

priori. Ou seja, a tradicional correspondência ritual do faraó/homem com sua contraparte (esposa/mulher) em consonância com a visão de mundo dual dos egípcios é quebrada para conformar, a partir de um “rearranjo teológico” uma nova correspondência arquetípica que mantivesse a noção de que a ordem natural das coisas estava mantida. Para tanto foi necessário o apoio dos sacerdotes de Amon que formularam a teogamia de Hatshepsut. Nela se busca atribuir uma filiação divina à faraó, justamente da divindade que ocupa o patamar mais elevado na hierarquia dos deuses egípcios, de modo que não possa ocorrer outra filiação mais elevada, e portanto, legítima a ocupar o trono.

Assim, mesmo não sendo o herdeiro varão do faraó (legítimo), a monarca foi escolhida pelo próprio Amon-Rá<sup>25</sup>, a divindade suprema, para governar. Como na concepção egípcia a vontade do deus se manifesta através de oráculos, geralmente durante as festividades, como a de Opet e de Osíris, e é interpretada por seus sacerdotes, a decisão destes era de suma importância. Não podemos ignorar que a decisão dos sacerdotes estivesse atrelada aquilo que lhes trouxesse mais benefícios e que houvesse disputas entre os cleros por poder.

Como uma das questões que poderia ter atrapalhado a legitimidade de Hatshepsut era sua identidade feminina aparentemente incompatível com o arquétipo de faraó (viril, guerreiro), ocorreu uma reformulação desta identidade para que ela pudesse governar. Sua forma se torna híbrida, ora representada como masculina, ora como feminina. Quando necessário, recorrendo à imagem de Tutmósis III como contraparte ritual ou se igualando a ele como faraó masculino nas representações, como fizeram outros faraós com seus respectivos corregentes. O mesmo ocorre nas representações da teogamia, onde ora ela figura como homem, ora como mulher. Segundo Graves- Brown:

[...] Female rulers are given the attributes of essentially male kingship such as false beards (the beard is also false when worn by male kings) and kilts. But depictions of female queens, such as Sobekneferu or Hatshepsut, wearing male attire should certainly not be seen as evidence of transvestism or mythical androgyny. Female kings were rather taking on a male persona, given the essential masculinity of kingship (GRAVES-BROWN, 2010, p. 105).

Ian Shaw, no entanto, discorda um pouco desta questão ao comparar a atitude da faraó com a de outros reis que necessitaram afirmar sua legitimidade:

---

<sup>25</sup> Amon, “O Oculto”, deus padroeiro de Karnak. Na XIIª dinastia foi assimilado a Rá como demiurgo. É a divindade suprema na hierarquia, Amon-Rá (o Sol Criador).

[...]Neville<sup>26</sup> would have recognized immediately that this set of reliefs was comparable with those depicted in the so-called Birth Room at the Luxor temple, showing of the divine birth of the king. Is it significant that the temple of Hatshepsut at Deir el-Bahari and Amenhotep III's section of the Luxor temple both include scene showing the divine births of these rulers? There are at least three different points of view on this question. One popular interpretation is that the queen, as a female ruler, was obliged to go to much greater lengths than her male counterparts to emphasize that she was indeed the legitimate ruler. There are, however, a number of flaws in this solution. First, we would need to explain why Amenhotep III had similar scenes carved in the Luxor temple, when he was a male ruler with no more apparent need to bolster his claims to the throne than any other eighteenth-dynasty rulers had. Second, several major temples from the Late Period on, such as Dendera and Edfu, include a building known as a *mammisi* ("birth house"), which was used to celebrate the divine birth of the king, and the reliefs in these structures have enough in common with the birth scenes of Hatshepsut to suggest that the former might be a later version of the later; if this is the case, then the Hatshepsut instance seems even less like a unique solution invented by a female ruler.

This "*mammisi* factor" leads neatly to another point of view: some scholars point out that it is sheer chance that complete versions of these scenes have survived only in temples belonging to these two rulers, and that some surviving fragments show the same event for other rulers' lives. Such scenes might simply not have been preserved for the rest of New Kingdom, leaving in accidental gap in our archeological knowledge until the appearance of the first known *mammisis* in the Late Period.

A third point of view, first suggested by Colin Campbell in 1912, is that the motivation for the birth scenes of Hatshepsut and Amenhotep III was essentially religious rather than political, concerned with the replacement of the cult of the sun god Ra in the kingship by that of the ram god Amun. In other words, the primary aim of the scenes of the divine birth of Hatshepsut and Amenhotep III might have been not so much to legitimize the claim of that particular ruler but to make the more general point that all Egyptian kings were the sons of *Amun* rather than of Ra. A possible counterargument against this theory, however, is that Amun was already being described as the king's father as early as the reign of Ahmose (SHAW, 2003, p.140-141).

De acordo com Shaw, Neville identificou os relevos da teogamia de Hatshepsut com os de Amenhotep III em Luxor. Problematiza que para entender as motivações de Amemhotep III ter se apropriado deste mesmo discurso, sendo ele um faraó masculino, reiteraria que Hatshepsut não teve mais dificuldade de se legitimar do que qualquer outro dos reis desta dinastia. Porém, não podemos deixar de supor que as questões de gênero tenham se somado a outras (como a existência de Tutmósis III como herdeiro do faraó) para abalar a legitimidade de Hatshepsut, embora talvez elas não tenham tido um caráter tão definidor em sua contestação, tornam-se um problema ao se afastar da rigidez das representações egípcias. Assim, Hatshepsut inaugura o fenômeno da teogamia que posteriormente passa a ser utilizado por diversos faraós como estratégia para validar suas legitimidades.

---

<sup>26</sup> Um dos primeiros egiptólogos a analisar os relevos da teogamia de Hatshepsut.

A narrativa de nascimento de Hatshepsut se inicia através de um desejo do próprio deus Amon, revelado a Khnum, de conceber para si uma filha de seu corpo:

[...] GO, to make her, together with her ka, from these limbs which are in me; go, to fashion her better than all gods; [shape for me], this my daughter, whom I have begotten. I have given to her all life and satisfaction, all stability, all joy of heart from me, all offerings, and all bread, like Re, forever (BREASTED, 1906, p. 81).

É relevante o fato de Hatshepsut referir-se como filha “carnal” de Amon, materializado através de seu pai Tutmósis I. Ela é, portanto, da mesma matéria de Amon visto que, na concepção egípcia o potencial criador é fornecido pelo masculino. No entanto, Virginia Laporta destaca que Expressões como “Filho” e “Amado” indicariam um grau de inferioridade do faraó em relação à divindade a qual ele se coloca em aspecto de dependência (LAPORTA, 2014, p. 64). Ao mesmo tempo, a associação de um ser humano com um deus o coloca como parte da hierarquia divina. A faraó quer partilhar com o deus sua condição divina excepcional, de divindade suprema. Como filha de Amon-Ra, o demiurgo, Hatshepsut está acima dos demais deuses. No trecho acima faz-se alusão aos deuses representativos dos dois cleros relacionados com a monarquia faraônica, o de Tebas através de Amon, e o de Heliópolis com Rá. Sendo Amon, a potência criadora, Hatshepsut manifesta-se como Rá (o Sol), é, portanto, representante das duas divindades tutelares da monarquia e de seus respectivos cleros. Segundo Souza:

[...] Apesar da emergência de Amon como deus da dinastia dezoito, nenhum faraó da XVIII dinastia anterior a Hatshepsut havia expressado de forma tão enfática sua filiação e proximidade com o deus. A constante afirmação de que o reinado foi corroborado pelo deus dinástico, tanto através de suas ações quanto através de uma ligação filial, parece ter sido de extrema importância para a mulher-faraó (SOUZA, 2010, p.129).

Na narrativa, o deus também declara que Hatshepsut é faraó:

[...] I will unite for her the Two Lands in peace. . . . . I will give to her all lands, all countries. My soul is hers, my [bounty] is hers, my crown [is hers] that she may rule the Two Lands, that she may lead all the living (BREASTED, 1906, p. 78).

Amon declara que uniu para ela as “Duas Terras” e diz que sua “coroa” é dela. Simbolicamente este gesto alude à coroação da rainha pelo clero de Amon. Na concepção de Souza:

[...]Quando analisamos esse dado à luz da crença egípcia de que as imagens atuavam magicamente na realidade, sendo aquilo que representavam, constatamos uma ênfase na representação dessa ação um reforço da ideia de que o poder, graficamente

expresso pela coroa, foi-lhe transmitido diretamente por Amon-Rá (SOUZA, 2010, p.127).

Ou seja, a imagem, assim como a palavra, escrita e falada, para os egípcios possuía um potencial criador capaz de materializar na realidade concreta o que foi elucidado através dela. Deste modo, aquilo que é escrito ou retratado ganha uma outra dimensão, mágico criadora, e eterniza algo. Sabemos que os faraós representavam seus feitos para que estes, assim como o seu nome, não fossem esquecidos. A atitude de *damnatio memoriae* com relação a Hatshepsut torna-se ainda mais incisiva neste sentido. E o deus reitera as palavras diante da “Grande Esposa Real” Ahmose:

[...]“Khnetmet-Amon-Hatshepsut<sup>27</sup> shall be the name of this my daughter, whom I have placed in thy body,” this saying which comes out of thy mouth. “She shall exercise the excellent kingship in this whole land. My soul is hers, my bounty is hers, my crown is hers? that she may rule the Two Lands that she may lead all the living” (BREASTED, 1906, p. 80-81).

O texto assinala “Khnetmet -Amon-Hatshepsut é o nome desta minha filha, que depositei em teu corpo, esta palavra que sai da tua boca” (*Idem*; tradução nossa). Primeiramente a faraó é chamada de “a amada de Amon” (Khnetmet), ou seja, aquela por quem o deus tem especial afeição. Depois é referida como a filha depositada no corpo de Ahmose. Isto dá a entender que Hatshepsut está “pronta” ao ser depositada no útero da mãe, cujo papel será apenas nutrir e dar a luz à criança. O uso da expressão “this saying which comes out of thy mouth” (“esta palavra que sai da tua boca”; tradução nossa) parece expressar o potencial criador das palavras que são pronunciadas a seguir “She shall exercise the excellent kingship in this whole land. My soul is hers, my bounty is hers, my crown is hers? that she may rule the Two Lands that she may lead all the living” que são reiteradas diversas vezes ao longo da narrativa. Grande parte da teogamia tem como objetivo repetir que Hatshepsut ganha em seu nascimento todas as qualidades para comandar o “Duplo País”. Reitera tal como um mantra as palavras de Amon, que proferidas convertem-se em criação. A função dos demais deuses, portanto, é materializar a vontade deste deus. Khnum responde aos apelos do deus e diz:

[...]I will form this [thy] daughter [Makere] (Hatshepsut); for love of the beautiful mistress. Her form shall be more exalted than the gods, in her life, prosperity and health; for offerings great dignity of King of Upper and Lower Egypt (BREASTED, 1906, p.82).

---

<sup>27</sup> Significa: “A amada de Amon, a mais nobre de todas as damas (Hatshepsut)”.

Khnum, portanto, declara que irá construir uma forma cheia de dignidade para o “Rei do Alto e do Baixo Egito” (Maatkara – Hatshepsut). Neste sentido, poderíamos presumir que a forma feminina da filha de Amon foi considerada cheia de dignidade para um “Rei do Alto e do Baixo Egito” (*nswt bjty*) ? Não sabemos, pois na cena seguinte as duas figuras que Khnum constrói em sua roda de oleiro – Hatshepsut e seu *ka*<sup>28</sup> - são masculinas. É provável que a escolha de representar Hatshepsut como um homem ao lado de seu *ka* (também masculino) seja um artifício simbólico, de associar uma característica de *virilidade* à formação “carnal” e espiritual da faraó. Lembremos da questão, já anteriormente tratada, de que para os egípcios as relações de gênero estavam associadas a um sentido cosmogônico da existência, cujos papéis sociais que lhes eram atribuídos buscavam corresponder a arquétipos. Assim, havia arquétipos que correspondiam ao feminino e ao masculino. A posição de mando em muitas culturas é associada no imaginário coletivo com o masculino, por identificar-se com características como virilidade, violência e força, por exemplo, e que são associadas ao gênero masculino dentro de uma construção social.

Khnum é o deus responsável por criar as crianças em sua roda de oleiro, entretanto algumas vezes Hathor é representada a efetuar esta função. No período greco-romano um ritual evocava a roda de oleiro de Khnum dentro do ventre das mulheres, mantendo o caráter de criação essencialmente associado ao masculino. Enquanto o deus cria do barro a imagem da criança no ventre de sua mãe, a mãe é associada ao forno (GRAVES-BROWN, 2010, p.103). Heket, a consorte de Khnum, é associada a ele em seu trabalho. Na imagem a seguir (**Figura 4**), ela estende o símbolo da vida (*ankh*) para a faraó e seu *ka*, dando-lhe vida. A deusa Heket é co-partícipe na criação de Hatshepsut, mas acaba por exercer um papel secundário, visto que é Khnum que a molda com seu *ka*. Nesta etapa a deusa aparece como símbolo de nascimento e renascimento.

---

<sup>28</sup> O *ka* para os egípcios era uma entidade independente. No caso do faraó, o *ka* recebia culto e em rituais específicos (como o de Opet) era revivificado.



**Figura 4- O deus Khnum e a deusa Heket criando Hatshepsut e seu Ka na roda de oleiro.**

Porém, o texto procede igualmente uma exaltação à Grande Esposa Real Ahmose. Khnum por exemplo diz: “I will form this [thy] daughter [Makere] (Hatshepsut); for love of the beautiful mistress” (BREASTED, 1906, p.82) (Ahmose). O deus Thoth também exalta suas qualidades ao apresenta-la para o deus Amon: “thou maiden whom thou hast mentioned. Lo, \_\_\_\_\_ an old man. Ahmose is her name, the beneficent, mistress of \_\_\_\_\_ in this whole land, She is the wife of the king [O]kheperkere (Thutmose I), given life forever. While his majesty is in \_\_\_\_ go thou to her.” (BREASTED, 1906, p. 79). Khnum praticamente reitera as palavras iniciais de Amon em um discurso de criação onde anuncia todas as dádivas que concede à Hatshepsut:

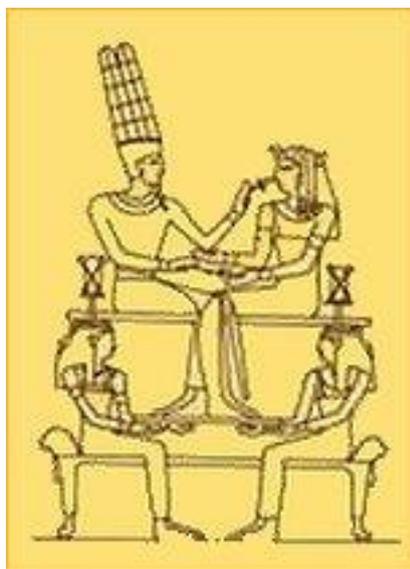
[...] I have formed thee of these limbs of Amon, presider over Karnak. I have come to thee, to fashion thee better than all gods. I have given to thee all life and satisfaction, all stability, all joy of heart with me; I have given to thee Call health, all lands; I have given to thee all countries, all people; I have given to thee all offerings, all food; I have given to thee to appear upon the throne of Horns like Re, forever; I have given to thee to be before the ka's of all the living, while thou shinest as King of Upper and Lower Egypt, of South and North, according as thy father who loves thee has commanded (BREASTED, 1906, p.82).

A repetição constante das mesmas promessas enfatiza a propriedade criadora do discurso, de modo a que as palavras acabem por se manifestar na realidade. Assim, todos os desejos do deus para Hatshepsut viriam a se consolidar, inclusive de que ela seja “Rei do Alto e do Baixo Egito”. Amon-Rá como deus criador têm a ideia, mas Khnum é o

responsável por executá-la. Neste momento as palavras de Amon pronunciadas por Khnum na primeira pessoa evidenciam que será ele quem as materializará.

Amon então, fazendo-se passar pelo marido da mesma, concebe com ela sua tão desejada filha, ele e a rainha estão sustentados em duas deusas, representando os céus, sentados sobre um divã (**Figura 5**), enquanto o deus lhe estende os símbolos da vida:

[...] He made his form like the majesty of this husband, the King Okheperkere (Thutmose I). He found her as she slept in the beauty of her palace. She waked at the fragrance of the god, which she smelled in the presence of his majesty. He went to her immediately, coivit cum ea<sup>29</sup>, he imposed his desire upon her, he caused that she should see him in his form of a god. When he came before her, she rejoiced at the sight of his beauty, his love passed into her limbs, which the fragrance of the god flooded; all his odors were from Punt (BREASTED, 1906, p. 80).



**Figura 5 - Amon e a Grande Rainha Ahmose, sustentados por deidades durante a divina concepção**

Amon transmutado exala seu aroma divino pelo palácio de forma a atrair a rainha. A citação a Punt pode encaixar-se na narrativa de nascimento por duas razões, a primeira é que Punt pode ter sido considerado uma espécie de *Jardim do Éden* egípcio, uma terra divina da qual se trazia toda sorte de maravilhas, especialmente o incenso, matéria indispensável no ritual. O segundo motivo é a expedição que Hatshepsut organiza a Punt para fazer intercâmbios comerciais e que parece ter sido muito bem sucedida. Os relevos desta empreitada estão eternizados em seu “Templo de Milhões de Anos” assim como a

<sup>29</sup> O uso do termo em latim é da tradução de BREASTED, 1906; é usado para disfarçar uma expressão de conotação sexual, que os egiptólogos do século XIX e início do XX consideravam inadequado. Quer dizer literalmente: “deitou-se com ela”.

narrativa de seu nascimento. Hatshepsut quis eternizar que como faraó buscou garantir os objetos do ritual e fazer intercâmbios comerciais favoráveis às “Duas Terras”. A alusão a Punt pode indicar que a teogamia foi composta após este acontecimento.

A passagem possui inúmeras alusões a um ato sexual, aparentemente Breasted tentou mascarar a que considerou a mais explícita delas, em uma típica atitude dos egiptólogos do século XIX e início do XX. Sua moral mais pudica contrasta absolutamente com a visão teológica egípcia que abrange tais representações sexuais. Assim, dizer “He went to her immediately”; “coivit cum ea” (expressão em latim que significa “deitou-se com ela” – tradução nossa) , “he imposed his desire upon her”, “he caused that she should see him in his form of a god. When he came before her, she rejoiced at the sight of his beauty, his love passed into her limbs”, todas aludem metaforicamente a um ato sexual. Mas a rainha entende se tratar do deus, por que ela o vê em sua forma divina.

A rainha Ahmose também ganha voz na narrativa, mas apenas para louvar ao deus Amon que lhe conferiu a grande honra de vê-lo em sua forma divina:

[...]Utterance by the king's-wife and king's-mother Ahmose, in the presence of the majesty of this august god, Amon, Lord of Thebes: “How great is thy fame! It is splendid to see thy front; thou hast united my majesty with thy favors, thy dew is in all my limbs.” After this, the majesty of this god did all that he desired with her (BREASTED, 1906, p.80).

Novamente a passagem alude à união carnal de Amon com a rainha, ao dizer “thou hast united my majesty with thy favors, thy dew is in all my limbs.” After this, the majesty of this god did all that he desired with her”. Na representação desta cena (**Figura 5**) podemos identificar a mesma conotação sexual, pela observação da posição das pernas de Amon e da rainha, colocadas sobrepostas, o que na arte egípcia era típico de representações sexuais. Hatshepsut foi depositada no ventre da rainha, minuciosamente escolhida pelos deuses para lhe gerar, cumprindo os planos de Amon. As deusas igualmente encontram seu protagonismo na narrativa, são elas que acompanham a rainha nas cenas que se seguem, conduzindo o seu parto. Suas palavras, no entanto, não encontram-se preservadas ou são as mesmas promessas convencionais que são proferidas no discurso de Khnum. Sobre a forma como ocorriam os partos no Egito antigo, Oliveira menciona:

[...] Ter filhos era um objetivo prioritário entre os egípcios, mas a taxa de mortalidade das mães e dos bebês, era muito alta; o parto era bastante temido e tal temor acabou por gerar uma série de procedimentos mágicos e simpáticos para se lidar com este momento. Existem vários encantamentos para tentar burlar a

possibilidade de morte nessas ocasiões. O momento do parto dizia respeito apenas às mulheres. Os homens não intervinham. [...] A mulher recolhia-se então em um recinto especial chamado “pavilhão do parto”. É possível que existisse nas casas um local para este fim. Em Deir el-Medina encontraram-se restos de decoração de salas desse tipo, com figuras da deusa Taweret e do deus Bés entre outros. Era neste local que a mulher aguardaria o início do trabalho de parto, de cócoras sobre os chamados “tijolos de nascimentos”, ou sentada em uma banquetta com um orifício que permitia a passagem do recém nascido. Ela poderia ser acompanhada por mulheres da família com experiência, e “parteiras” [...] A parturiente era identificada com as deusas Ísis ou Hathor e era costume invocar vários deuses que a ajudariam nesse momento a mãe e a criança. (OLIVEIRA, 2005, p. 164-165).

Assim, a representação da teogamia de Hatshepsut condiz com a forma com que acreditamos que os partos tenham sido efetuados no Egito. Isto indica que além de puramente simbólica, a teogamia retratava, sob certos aspectos, a realidade material dos egípcios. A rainha é conduzida apenas por divindades ao seu confinamento. Lá elas se preparam para receber a criança com Ahmose sustentada sobre uma cadeira e a presença das divindades do parto tais como Bes e Taweret. As deusas repetem promessas, como as do discurso de Khnum, sucessivamente, reiterando seus votos para a faraó, de modo a consolidá-los, segundo a crença egípcia, na realidade. A cena seguinte já mostra a deusa Hathor estendendo símbolos de vida para a recém nascida e mostrando-a a seu pai. Da fala de Hathor ao apresentar a criança ao deus Amon apenas pode-se distinguir: “she extends her arm before his majesty.” (BREASTED, 1906, p.84). A deusa aqui é colocada em posição de destaque, no entanto até este momento da narrativa, as deusas e mulheres parecem exercer um papel apenas secundário na criação de Hatshepsut. Suas funções são nutrir a criança, louvá-la e auxiliar seu parto. Não é dado tanto destaque às suas palavras, que na maior parte dos momentos são repetições do que havia sido dito anteriormente pelos deuses, no entanto, elas apareçam muitas vezes nas imagens. A própria Hatshepsut, apesar de ser o centro do discurso, não atua diretamente nele, mas apenas “é criada”.



**Figura 6 - As deusas conduzindo o parto de Hatshepsut e seu Ka.**



**Figura 7 - Hathor apresenta a criança a Amon.**

Ao ver a filha sendo apresentada por Hathor após o seu nascimento, o deus Amon profere uma fórmula muito parecida em alguns pontos ao que já havia sido mencionado, reitera que sua filha governará as “Duas Terras”:

[...]Utterance of [Amon]. . . . . to see his daughter, his beloved, the king, Makere (Hatshepsut), living, after she was born, while his heart was exceedingly happy.

Utterance of [Amon to] his bodily daughter [Hatshepsut]: “Glorious part which has come forth from me; king, taking the Two Lands, upon the Horus-throne forever” (BREASTED, 1906, p.84).

Após a apresentação da criança ao pai, as deusas efetuam os primeiros cuidados da recém gerada e do seu *ka*. Em uma cena a criança é nutrida junto com seus doze *ka*'s por duas Hathors. A representação do faraó como uma criança mamando em uma deusa, geralmente Hathor, alude simbolicamente à renovação, e é um motivo frequente nos relevos faraônicos. Os *ka*'s nutridos são apresentados a três divindades. As cenas que se seguem repetem o mesmo panorama de apresentar Hatshepsut e seu *ka* a diferentes divindades, repetindo as mesmas promessas. As inscrições que se referem ao diálogo entre os deuses acerca de Hatshepsut não se conservaram o suficiente para nos auxiliar a compreender o objetivo destas cenas. Por fim, ela é levada até uma assembleia de deuses, onde ela e seu *ka* são apresentados a divindades.

Através destes trechos podemos perceber como Hatshepsut construiu para si um instrumento de legitimação fazendo uso do imaginário mítico-religioso egípcio que estava profundamente atrelado à monarquia faraônica. A faraó refere-se a si inúmeras vezes como “Rei do Alto e Baixo Egito” e reitera ser digna de ocupar tal titulação, por todas as dádivas que seu pai divino Amon lhe concedeu. O protagonismo na teogamia está centrado na ação dos deuses a criar a faraó, enquanto as deusas lhes auxiliam, prestando os cuidados necessários e nutrindo a criança e seu *ka*. A intenção parece ser destacar a vontade de Amon em diversos momentos, e demonstrar como ele atuou para cumprir seu desejo de gerar uma filha.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres no Egito, como já visto anteriormente, foi durante muito tempo um tema relegado ao segundo plano dentro da egiptologia. Os silenciamentos sobre a condição feminina no Egito e as particularidades até então assinaladas pelos poucos estudos existentes naquela época que citavam as mulheres chamaram a atenção do movimento feminista, que tentava resgatar o protagonismo feminino ao longo tempo. Assim, as feministas estudaram a condição da mulher no Egito e, crendo nas fontes então disponíveis – mais particularmente nas ligadas ao direito egípcio – escreveram uma história das mulheres egípcias demasiado idealizada de acordo com as teorias mais atuais.

Para os principais autores sobre o tema na atualidade, deve-se problematizar até que ponto o *status* feminino no Egito Antigo realmente corresponde com o que nos dizem as fontes. Para além disto, é necessário analisar as questões de gênero no Egito levando em conta o fato de ele ser uma sociedade demasiado hierarquizada. Assim, a condição da camponesa diferia muitíssimo da mulher da realeza.

Levando em consideração tais pressupostos teóricos, desenvolvemos uma análise da narrativa de nascimento de Hatshepsut, um caso excepcional na história egípcia que trás a tona muitas questões intrigantes para a egiptologia. Hatshepsut foi uma mulher que ocupou a condição de faraó, manifestando em sua figura régia toda a indumentária inerente a sua condição, porém sem abandonar sua identidade feminina. Constrói para si, através do auxílio de seus apoiadores fiéis, uma narrativa de nascimento onde é retratada como “Filha do deus” Amon.

Tal narrativa, associada a outros elementos, é utilizada como instrumento de legitimação de sua figura. A teogamia de Hatshepsut é uma evidência do apoio que o clero Tebano, em um contexto de disputas com o clero Heliopolitano, dedicou a mulher faraó. Ela favoreceu seus apoiadores, o que está evidenciado pelos monumentos que mandou erigir em Tebas, e pelos textos associados a eles. Buscamos expor ao longo deste trabalho como esta narrativa de legitimação se construiu e evidenciar quais destes elementos podem ser vistos nas fontes trabalhadas.

Os monumentos construídos pela faraó conservam as inscrições relativas ao seu reinado, embora em grande parte atacadas visando sua destruição, o que restou delas resulta em uma fonte de incalculável valor para o estudo de Hatshepsut. Seja em seus obeliscos, em seu “Templo de Milhões de Anos” ou na Capela Vermelha, um pouco do seu legado permaneceu para a posteridade. Dentre suas inscrições, uma das mais enigmáticas é a da teogamia, onde a faraó inaugurando um novo discurso de legitimação, se coloca como “Filha do deus Amon”. Na teogamia, o deus Amon é colocado como protagonista da concepção de Hatshepsut, sendo ela a personificação do faraó que o deus havia desejado. A filiação divina de Hatshepsut a coloca no topo da hierarquia humana, sendo a mais legítima para governar. Assim, as ações das deusas e deuses e da mãe de Hatshepsut, todas convergem para materializar a vontade de Amon.

## REFERÊNCIAS

BAKOS, Margaret M.; BARRIOS, Adriana M. - **O Povo da Esfinge**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

BAKOS, Margaret M. – **Fatos e Mitos do Antigo Egito**. Edipucrs, 2009.

\_\_\_\_\_. **O obelisco de Hatshepsut: suporte e imagens de poder** in **Antigas Leituras – diálogos entre a História e a Literatura**. NETO, José Maria Gomes de Souza (org.). Edupe, Recife, 2012.

BEDMAN, Teresa - **El origen de las Esposas Reales de la Dinastía XVIII y su vinculación con el título de Esposa del Dios**. - Texto publicado em Instituto de Estudios de Antiguo Egipto, Madrid, 1998. - acesso online em <http://www.ieae.es/#!/b/c1e38> em 20/03/2015 as 17:43.

\_\_\_\_\_.**El templo de Hatchepsut en Deir el-Bahari, la escalera hacia el cielo para el dios de Tebas**. - In FLORES, A.M., GONZÁLEZ, A.I.V. (coord.), **Tebas: los dominios del dios Amón** - Madrid, Ayuntamiento de Madrid, Museu de San Isidro, 2002.

\_\_\_\_\_.**La mujer en el Antiguo Egipto**. Texto publicado em Instituto de Estudios de Antiguo Egipto, Madrid, 2015 - acesso online em <http://www.ieae.es/#!/b/c1e38> em 20/03/2015 às 17:43.

BREASTED, James Henry - **Ancient Records of Egypt – Historical Documents –vol.II – The eighteenth Dynasty**.- The University of Chicago Press, Chicago, 1906.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. – **O Egito Antigo** – Coleção Tudo é História. Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.

\_\_\_\_\_.**Algumas visões da mulher na literatura do Egito faraônico (II milênio a.C.)**. In : **História**. São Paulo: Fundação Unesp, 1993. 103-105. V. 12.

\_\_\_\_\_. **Os festivais como encenação da sociedade**. - In PHOÏNIX, 18-1, p. 12-26, 2012.

CERVELLÓ AUTUORI, J. – **Listas reales, parentesco y ancestralidad en el estado egípcio temprano** – *in* Estudios sobre parentesco y estado en el antiguo Egipto. – Del Signo. Buenos Aires, 2006.

COONEY, Kara - **The Woman Who Would Be King: Hatshepsut's Rise to Power in Ancient Egypt**; Oneworld Publications, Londres, 2015.

COSTA, Márcia Jamille Nascimento – **Gênero Invisível? Como a arqueologia tem minimizado a participação histórica das mulheres egípcias durante a antiguidade faraônica** *in* **Género y Ciencias sociales. Arqueología y cartografías de fronteras / Leonor Acosta Bustamante ... [et al.]** -- Barranquilla: Ediciones Universidad Simón Bolívar, 2015.

DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.) - **História das mulheres no ocidente – vol.1: A Antiguidade**; Edições Afrontamento, Porto – 1990.

ELIADE, Mircea - **Mito do Eterno Retorno**. - São Paulo, Mercuryo, 1992.

GALÁN, José M.; BRYAN, Betsy M. & DORMAN, Peter F. (org.) – **Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut**. – Studies in Ancient Oriental Civilization, n.69. The Oriental Institute of the University of Chicago, Chicago, 2014.

GRALHA, Júlio – **“Egípcios”** *in* **“As Religiões que o Mundo Esqueceu - Como Egípcios, Gregos, Celtas, Astecas e Outros Povos Cultuavam seus Deuses”** - FUNARI, Pedro Paulo (org.). Editora Contexto, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Senhora da casa, divindade e faraó as várias imagens da mulher do antigo Egito**. – *in* CANDIDO, Maria Regina (org.) – **Mulheres na Antiguidade**. – Rio de Janeiro, NEA/UERJ, 2012.

GRAVES-BROWN, Carolyn - **Dancing For Hathor: Women in Ancient Egypt**. – Londres, Continuum, 2010.

LALOUETTE, Claire - **Textes Sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte**. Paris, Gallimard, 1984.

LAPORTA, Virginia – **La figura regia de Hatshepsut: una propuesta de análisis a partir de tres cambios ontológicos**. *In* Antiquo Oriente : Cuadernos del Centro de Estudios de Historia del Antiquo Oriente – n °10 (2012).

\_\_\_\_\_. **Formas arquetípicas. La reina egipcia durante la Dinastía XVIII (Reino Nuevo): Ahmosis- Nefertari y Hatshepsut.** *In* Revista Mundo Antigo – Ano III, V.3, nº 06 – Dezembro 2014.

MONTET, Pierre. - **O Egito no tempo de Ramsés.** – São Paulo, Companhia das Letras – Círculo do Livro 1989.

NOBLECOURT, Christiane D. - **La femme au temps des pharaons.**-Éditions Stock; Paris, 1986.

OLIVEIRA, Haidée – **Mãe, filha, esposa, irmã.- Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a. C.). O caso de Deir el-Medina./** dissertação de mestrado UFF, Niterói, 2005.

PARKINSON, Richard B. -**“Gabando-se de sua virilidade”:** construções da masculinidade no médio império. *In* MÉTIS: história & cultura – v. 10, n. 20, p. 35-68, jul./dez. 2011.

PIRES, Guilherme Borges - **A História e a Exceção: Amon e Hatchepsut – A Partilha da Matéria- O discurso teológico-religioso como instrumento político de legitimação do reinado de Hatchepsut.** – texto inédito.

ROEHRIG, Catharine H., DREYFUS, Renée & KELLER, Cathleen A. - **Hatshepsut, from queen to pharaoh.** Metropolitan Museum of Art, New York, 2005.

ROBINS, Gay. - **Women in Ancient Egypt.** Cambridge, Harvard University Press, 1996.

SHAW, Ian - **Exploring Ancient Egypt** -Nova Iorque, Oxford University Press, 2003.

SILVA, Thais Rocha da; **A senhora da casa ou a dona da casa? Construções sobre gênero e alimentação no Egito Antigo** - *in* cadernos pagu (39), julho-dezembro de 2012:55-86.

\_\_\_\_\_. **Construtos de gênero no Egito Ptolomaico: uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas.** – dissertação de mestrado USP, 2013.

SOUZA, Aline F. – **A mulher-faraó: Representações da Rainha Hatshepsut como instrumento de legitimação (Egito Antigo – século XV a.C.)** - dissertação de mestrado UFF, Niterói, 2010.

WIEDEMANN, Amanda – **A questão do gênero na literatura egípcia do IIº milênio a. C.** – tese de doutorado em História, UFF, Niterói, 2007.

YONTE, Alba B. -“¿Mujeres egipcias en la esfera del poder? Aproximación al concepto dual de Realeza durante el Reino Antiguo (2686-2125 a. C.)” – dissertação de mestrado, Universidade de Salamanca, 2010a.

\_\_\_\_\_.**Género y Realeza en el antiguo Egipto, del dinástico temprano al Imperio Nuevo;** *In* El Futuro del Pasado, nº 1, 2010b, p. 223-236

**ANEXO A-** *The birth of queen Hatshepsut* – retirado de BREASTED, James Henry - **Ancient Records of Egypt – Historical Documents –vol.II – The eighteenth Dynasty.**- The University of Chicago Press, CHICAGO, 1906- Pgs. 75 a 86.

## THE BIRTH OF QUEEN HATSHEPSUT

### I. THE COUNCIL OF THE GODS

#### Scene

192. Amon enthroned at the right, before twelve gods“ in two rows at the left.

#### Inscription

The long inscription of probably twenty-one lines between Amon and the gods contained the words of the gods (three lines at the left) and those of Amon (all the rest) in which he has evidently prophesied the birth of Hatshepsut and promises her great power; for we can still read:

I will unite for her the Two Lands in peace. . . . . I will give to her all lands, all countries.

My soul is hers, my [bounty] is hers, my crown [is hers] that she may rule the Two Lands, that she may lead all the living

### II. INTERVIEW BETWEEN AMON AND THOTH

#### Scene

193. Amon stands at the left before Thoth on the right.

#### Inscriptions

The words of Amon are almost totally illegible, the record of Ramses II's restoration being placed over the lower half. Without them, it is difficult to discern the exact purpose of the interview. The words of Thoth are better preserved:

#### Words of Thoth

194. \_\_\_\_\_ thou maiden whom thou hast mentioned.

Lo, \_\_\_\_\_ an old man.

Ahmoose is her name, the beneficent, mistress of \_\_\_\_\_  
in this whole land,

She is the wife of the king [O]kheperkere  
(Thutmose I), given life forever.

While his majesty is in \_\_\_\_\_ go thou to her.

Amon and Thoth are now seen proceeding to the queen.

### III. AMON WITH QUEEN AHMOSE

#### Scene

195. Amon and Queen Ahmoose are seated facing each

other; the god extends to her the symbols of life.

They are sitting upon the heavens, symbolic of the exalted character

of the interview, supported by two female divinities  
who are seated upon a couch. The inscriptions are as  
follows :

#### The Interview

196. Utterance of Amon-Re, lord of Thebes, presider over Karnak.

He made his form like the majesty of this husband, the King Okheperkere (Thutmose I). He found her as she slept in the beauty of her palace. She waked at the fragrance of the god, which she smelled in the presence of his majesty. He went to her immediately, coivit cum ea, he imposed his desire upon her, he caused that she should see him in his form of a god. When he came before her, she rejoiced at the sight of his beauty, his love passed into her limbs, which the fragrance of the god flooded; all his odors were from Punt.

#### Words of the Queen

197. Utterance by the king's-wife and king's-mother Ahmose, in the presence of the majesty of this august god, Amon, Lord of Thebes: "How great is thy fame! It is splendid to see thy front; thou hast united my majesty with thy favors, thy dew is in all my limbs." After this, the majesty of this god did all that he desired with her.

#### Words of Amon

198. Utterance of Amon, Lord of the Two Lands, before her: " Khnemet-Amon-Hatshepsut shall be the name of this my daughter, whom I have placed in thy body," this saying which comes out of thy mouth.' She shall exercise the excellent kingship in this whole land. My soul is hers, my bounty<sup>1</sup> is hers, my crown ris hers? that she may rule the Two Lands that she may lead all the living

#### IV. INTERVIEW BETWEEN AMON AND KHNUM

199. Amon now calls in the aid of the god Khnum, who created man.

#### Scene

Amon stands on the left before Khnum on the right. The following inscriptions accompany them :

#### Instructions of Amon

200. Utterance of Amon, presider over Karnak: “GO, to make her, together with her ka, from these limbs which are in me; go, to fashion her better than all gods; [shape for me], this my daughter, whom I have begotten. I have given to her all life and satisfaction, all stability, all joy of heart from me, all offerings, and all bread, like Re, forever.”

Reply of Khnum

201. “I will form this [thy] daughter [Makere] (Hatshepsut); for love of the beautiful mistress.

Her form shall be more exalted than the gods, in her life, prosperity and health; for offerings great dignity of King of Upper and Lower Egypt.”

## V. KHNUM FASHIONS THE CHILD

Scene

202. Khnum is seated before a potter’s wheel, upon which he is fashioning two male (!) children, the first being

Hatshepsut and the second her ka. The frog-headed goddess Heket, kneeling on the right, extends the symbol of life to the two children.

Inscription

203. Khnum repeats the instructions he has received from Amon, putting them now in the first person.

Utterance of Khnum, the potter, lord of Hirur (Hr-wr): “I have formed thee of these limbs of Amon, presider over Karnak. I have come to thee, to fashion thee better than all gods. I have given to thee all life and satisfaction, all stability, all joy of heart with me;

I have given to thee

Call health, all lands; I have given to thee all countries, all people; I have given to thee all offerings,  
 all food; I have given to thee to appear upon the throne of Horns  
 like Re, forever; I have given to thee to be before the  
 ka's of all the living, while thou shinest as King of Upper and  
 Lower Egypt, of South and North, according as thy father who  
 loves thee has commanded.

## VI. INTERVIEW BETWEEN THOTH AND QUEEN AHMOSE

### Scene

204. Queen Ahmose standing on the right is saluted by  
 Thoth, who stands with outstretched arm at the left.

### Inscriptions

They unfortunately contain only titles and epithets of  
 praise, so that the purpose of the interview is not clear.

## VII. QUEEN AHMOSE IS LED TO CONFINEMENT

### Scene

205. Khnum and Heket appear on each side of the queen  
 leading her by either hand. Before them nine divinities in  
 three rows of three. All are led by Amon.

### Inscriptions

They again offer only titles and epithets of praise; the  
 inscription of Heket, however, did contain some references  
 to the scene; we can discern: (( Thou didst conceive immediately  
 after this, thou \_\_\_\_ a child ["Go"] with  
 him to the court, to ;" but the bulk of her speech  
 is hacked out or covered by Ramses II's renewals. Before  
 Amon a long inscription of thirteen lines, now completely  
 hacked out, doubtless contained the description of the scene.

## VIII. THE BIRTH

### Scene

206. The queen sits enthroned in the middle of the upper row, holding the child; before her are four female divinities, acting as midwives and extending their arms for the child.<sup>e</sup> Behind her are five goddesses;<sup>f</sup> the foremost, extending to the queen the sign of life. The entire row rests upon a couch. In the middle row, which also rests upon a couch, we see directly under the queen two genii of myriads of years; and on either side of them the genii of the east and west.<sup>g</sup> The bottom row shows: on the left, the genii of the north and south; on the right, Bes and Teweret, with a blank space which contained an inscription now totally gone. At the extreme right sits Meskhenet, the goddess of births, directing the midwives.

### Inscriptions

207. The divinities on the right in the upper row and Meskhenet all utter the conventional promises, as in the speech of Khnum.

## IX. PRESENTATION OF THE CHILD TO AMON

208. The child is now presented to her father by Hathor.

### Scene

1. Hathor, enthroned on the right, extends the child to Amon, who is standing on the left.

### Inscriptions

2. The brief words of Hathor have almost disappeared; one can still read: “she extends her arm before his majesty.”

### Words of Amon

3. Utterance of [Amon]. . . . . to see his daughter,

his beloved, the king, Makere (Hatshepsut), living, after she was born, while his heart was exceedingly happy.

Utterance of [Amon to] his bodily daughter [Hatshepsut]: “Glorious part which has come forth from me; king, taking the Two Lands, upon the Horus-throne forever.”

## X. COUNCIL OF AMON AND HATHOR

### Scene

209. Amon is enthroned at the left holding the child before Hathor, enthroned at the right. Behind the latter is the goddess Serek,a who is perhaps summoning the child to its nourishment in the following scene.

### Inscriptions

They are unfortunately so defaced that little more than the conventional promises can be made out.

## XI. THE NURSING OF THE CHILD

### Scene

210. On a couch at the left (above) sits Queen Ahmose, supported by a goddess, and before her the child and its ka are nursed by two cow-headed Hathors. Below the couch are two Hathor cows, suckling the child and its ka.d On the right are the ka's, twelve in number, which have already been suckled and are being passed on to the Nile-god and an obscure deity named Heku (bk'w), who present them to three enthroned divinities.

### Inscription

It has almost all been hacked out, but we can discern the words: “Nursing her majesty (fem.) together with all

her ka's. ”

## XII. SECOND INTERVIEW OF AMON AND THOTH

### Scene

211. Amon and Thoth stand facing each other, and hold between them the childa and its ka.”

### InscriptionsI

Only the conventional promises; the purpose of the interview is perhaps the arrangement of the child's future.

## XIII. THE FINAL SCENE

### Scene

212. At the left Khnum and Anubis advance, the latter rolling a large disk before him. Before them two female divinities in the upper row present the child and its ka to a kneeling god (the Nile-god?), and in the lower row the same scene appears before another unknown divinity. Behind (at the right) stands Sefkhet, keeping record, accompanied by an attendant god.

### Inscriptions

Only the conventional promises; it is therefore impossible to explain the purpose of this scene. The child is now launched upon its career.

**ANEXO B** - Inscrições do Obelisco de Hatshepsut em Karnac; Tradução para o português de Margaret Bakos a partir da versão em inglês de Miriam Lichteim, traduzida dos originais *in Antigas Leituras – diálogos entre a História e a Literatura – cap. 1:* <sup>30</sup>

Eu fiz essa doação com um coração cheio de amor por meu pai Amun;

Iniciada em seus ocultos começos,

Informada com seu benéfico poder,

Eu não esqueci qualquer coisa que ele ordenou.

Minha majestade conhece sua divindade,

Eu ajo segundo o seu comando;

É ele quem me guia.

Eu não planejo nenhum trabalho sem sua execução.

É ele quem dá todas as direções,

Eu não dormi por causa do seu templo,

Eu não extraviei do que ele comandou,

Meu coração era Sia<sup>31</sup> diante dele.

Eu entrei nos planos de seu coração.

Eu não dei as costas para a cidade do Senhor de Tudo

Melhor eu voltei minha face para ela.

Eu sei que Ipet-Sut é o lugar da luz na terra,

A montanha majestosa dos inícios.

---

<sup>30</sup> As referências ao texto do Obelisco de Hatshepsut em Karnac foram retiradas da tradução feita para o português de Margaret Bakos, disponível no livro : *Antigas Leituras-Diálogos entre a História e a Literatura*. Organizado por José Maria Gomes de Souza Neto, Editora EDUPE, Recife, 2012. Cap. 1.

<sup>31</sup> A personificação do conhecimento.

O olho sagrado do Senhor de Tudo,  
O seu lugar favorito que gera a sua beleza,  
Que reúne os seus seguidores.

E é o rei ele mesmo quem diz:

Eu declaro perante o povo quem serei no futuro,  
Quem observará o monumento [que] eu fiz para o meu pai,  
Quem participar na discussão,  
Quem olhar para a posteridade-

Isto foi quando sentei no meu palácio,  
E pensei em meu criador,  
Que meu coração me levou a fazer para ele  
Dois obeliscos de eletro,  
Cujos cumes atingiria o céu,  
Em majestoso hall de colunas,  
Entre dois grandes portais do rei,  
O Touro forte<sup>32</sup>, Rei Aakherkare, o Hórus triunfante.  
Agora meu coração volta-se para cá e para lá,  
Pensando o que o povo dirá,  
Aqueles que verão o meu monumento depois de anos,  
E falarão sobre o que eu fiz,

---

<sup>32</sup> Título faraônico identificado com a força e a virilidade masculina. O faraó é o “Touro de sua mãe”. Aqui a expressão é utilizada para designar Tutmósis I. Hatshepsut não assume este título.

Acautelem-se de dizer, ‘Eu nada sei, eu nada sei:

Porque isto foi feito?’

Para moldar uma montanha de ouro,

Como alguma coisa que merecidamente aconteceu,

Eu juro, como eu sou amada de Re,

Como Amun, meu pai, me favoreceu.

Como minhas narinas estão refrescadas com vida e domínio,

Como eu uso a coroa branca,

Como apareço com a coroa vermelha;

Como os dois senhores repartiram suas porções para mim,

Como eu governo esta terra como o filho de Isis.

Como eu sou poderosa como filho de Isis,

Como eu sou poderosa como filho de Nut,

Como Ra descansa no barco noturno.

Como ele predomina no barco matinal,

Como ele associa suas duas mães no barco divino,

Como o céu suporta, e sua criação perdura,

Eu serei eterna como uma imperecível estrela,

Eu descansarei na vida como Atum –

Assim como em relação a esses dois grandes obeliscos,

Feitos com eletro por minha majestade por meu pai, Amun,

Em ordem que meu nome possa durar neste templo,

Para a eternidade e para sempre.

Eles são cada um deles blocos de duro granito,

Sem, sem fendas, sem juntura entre eles.

Que alguém que ouça possa dizer,

É uma basófia, “O que eu disse”;

Pelo contrário dizer, “Isto é próprio dela,

Ela é devotada a seu pai!”

Veja, o deus me conhece bem,

Amun, Senhor do Trono das Duas Terras;

Ele me fez governar a Terra Preta e a Terra Vermelha como recompensa,

Ninguém se rebela contra mim em todas as terras.

Todas as terras estrangeiras são submetidas a mim.

Ele colocou minhas fronteiras nos limites do céu.

O que Aton cinge trabalha para mim.

Ele deu-lhe isto que veio dele,

Sabendo disso eu vou governar por ele.

Eu sou sua filha na verdadeira verdade.

Aquele que serve ele, que sabe o que ele ordena.

Minha recompensa de meu pai é vida-estabilidade-lei.

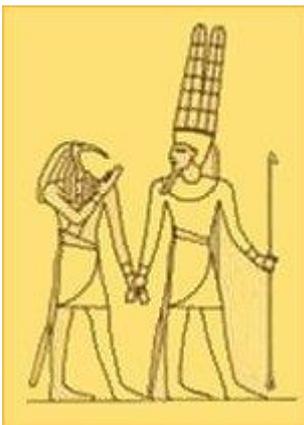
No trono de Hórus sobre todos os que vivem, eternamente, como Ra.

**ANEXO C-** Claire Lalouette, **Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte**, p.30-35.

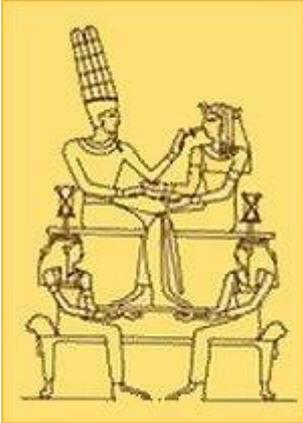
**Ilustrações** : cycle de reliefs dans la "salle de la naissance" du temple de Deir el-Bahari. Retirado de **L'Égypte Ancienne** de Arne Eggebrecht. Paris, Bordas, 1986, p.122. Imagens retiradas de <http://www.bubastis.be/histoire/pharaons/naiss.html> acesso em 12/11/15 às 10:01.

### **La naissance divine de la reine Hatchepsout**

Après avoir annoncé à l'Ennéade divine sa résolution d'engendrer un nouveau roi pour l'Égypte, Amon charge Thot de s'informer de la reine. Thot répond :



Cette jeune fille dont tu m'as parlé, son nom est Ahmès. Elle est belle plus que tout autre qui soit dans ce pays tout entier; c'est l'épouse de ce souverain, le roi de Haute et Basse-Égypte Âakherperkarê (Thoutmosis I<sup>er</sup>), qu'il vive éternellement. Sa majesté est un jeune prince.



Ce noble dieu Amon, maître des trônes du Double Pays, se transforma, prenant l'apparence de Sa Majesté, le roi de Haute et de Basse-Égypte Âakheperkarê, époux de la reine. Il trouva celle-ci alors qu'elle se reposait dans la beauté de son palais. Elle s'éveilla à l'odeur du dieu, et sourit en présence de Sa Majesté. Alors il vint aussitôt auprès d'elle et, brûlant d'ardeur, porte son désir vers elle, faisant en sorte qu'elle le voie en sa forme de dieu.

Après qu'il fut venu tout contre elle, tandis qu'elle se réjouissait de pouvoir contempler sa beauté, voici que l'amour d'Amon pénètre son corps, inondé par l'odeur du dieu, dont toutes les senteurs venaient du pays de Pount. La majesté d'Amon accomplit tout ce qu'il désirait auprès d'elle, elle fit en sorte qu'il jouisse grâce à elle, et l'embrassa. (...)

Paroles dites par Amon, maître des trônes du Double Pays, à la reine :

"Assurément, Khenemetimen-Hatchepsout sera le nom de cette fille que j'ai placé dans ton corps (selon) ces paroles sorties de ta bouche. Elle exercera cette illustre et bienfaisante fonction royale dans ce pays tout entier; pour elle sera ma valeur, pour elle ma puissance, pour elle ma force, ma grande couronne lui appartiendra, elle gouvernera le Double Pays, elle conduira tous les vivants... Les deux terres seront unies pour elle, en tous ses noms, sur le trône d'Horus des vivants; et j'assurerai sa protection magique, derrière elle, chaque jour, en même temps que le dieu-qui-est-en-son-disque (=Rê).



Amon charge Khnoum, le dieu à tête de bélier, de modeler l'enfant procréé.

Paroles dites par Khnoum, seigneur de Her-our :

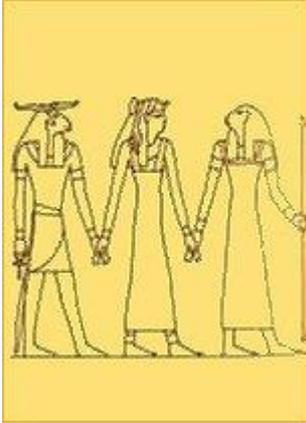
"Je t'ai façonnée, toi qui es issue du corps de ce dieu, seigneur de Karnak. Je suis venu à toi pour te donner une forme supérieure à celle de tous les autres dieux. Je te donne toute vie et toute force, toute stabilité et toute joie auprès de moi; je te donne toute prospérité en même temps que toutes les terres égyptiennes. Je te donne tous les pays étrangers, et le peuple en entier. Je te donne toute offrande et toute nourriture. Je fais en sorte que tu apparaises en gloire sur le trône d'Horus, comme Rê..., que tu demeures à la tête des kas de tous les vivants, toi qui t'es levée en toi de Haute et de Basse-Égypte, conformément à ce qu'a ordonné ton père Amon-Rê, qui ne cesse de t'aimer..."



Paroles dites par Thot, seigneur des mots divins à la noble dame, fille de Geb et héritière d'Osiris, qui préside au Double Pays, la mère royale Ahmès :

"...Amon, maître des trônes du Double Pays, est satisfait de ton éminente valeur de noble dame, ô femme au grand charme et grandement louée, maîtresse du plaisir, à la grande

douceur et grandement aimée, qui le réjouit... celle qui s'unit à Horus, sa bien-aimée, dont on dit que toutes choses sont faites pour elle..."



Le dieu Khnoum et la déesse Heket conduisent la reine vers la salle de l'accouchement. Devant eux, neuf divinités sont précédées par Amon. La naissance a lieu en présence d'Amon et de la déesse Meskhenet.

Paroles dites par Meskhenet :

"J'établis l'enfant en qualité de roi de Haute et de Basse-Égypte. J'assurerai continûment, derrière toi, ta protection magique, comme Rê; je te donne la vie et la force plus qu'à tous les êtres; je t'assigne la vie, la santé, la prospérité, les aliments, les offrandes, les nourritures et toutes belles et bonnes choses. Puisses-tu faire ton apparition solennelle en roi de Haute et Basse-Égypte, pour des jubilé<sup>s</sup> extrêmement nombreux !

Puisses-tu être vivante, durable, forte, joyeuse, avec ton ka, dans ce Double Pays qui est le tien, sur le trône d'Horus des vivants !"



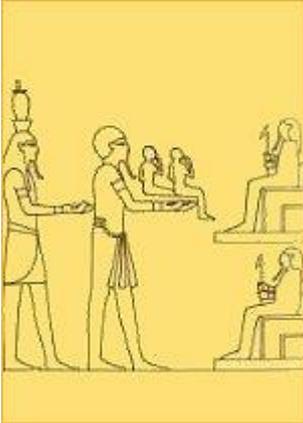
La mère tient le nouveau-né dans ses bras, une nourrice s'apprête déjà à accueillir l'enfant tandis que dieux et génies tendent le signe de vie et de durée.



Présentation de l'enfant à Amon par la déesse Hathor.

Ce dieu auguste s'avança pour voir sa fille bien-aimée, le roi de Haute et Basse-Égypte, Maâtkarê, puisse-t-elle vivre ! après qu'elle eut été mise au monde; et son coeur était heureux, très grandement.

(Hathor) étendit son bras devant Sa Majesté, qui embrassa très fort le petit enfant (...) :  
 "Salut, ô ma fille, qui appartient à mon corps, Maâtkarê, forme brillante issue de moi; tu es un roi et tu t'empareras du Double Pays, sur le trône d'Horus, comme Rê."



Amon présente l'enfant à tous les dieux

Amon s'avance pour la voir et l'embrasser; puis il fait en sorte que tous les dieux de Haute et de Basse-Égypte puissent la contempler.  
 Paroles dites par Amon-Rê, seigneur du ciel et roi des dieux :  
 "Voyez ma fille, Henemetimen-Hatshepsout, puisse-t-elle vivre ! aimez-là, reposez-vous sur elle."

Paroles dites par l'ensemble des dieux à Amon :  
 "Cette fille qui t'appartient, Henemetimen-Hatshepsout, demeurera vivante, et nous nous reposerons sur elle en vie et paix. Elle est certes ta fille, ton image, que tu as engendrée et pourvue : tu lui as donné ta valeur, ta puissance, ta force, ton pouvoir magique et ta grande couronne; elle est de la descendance de ton corps. À elle appartiennent les terres égyptiennes, les pays étrangers sont en sa possession, et ce que recouvre la Dame du ciel et ce qu'encercle la Très Verte..."